



# OLISIPO

Boletim Trimestral do GRUPO AMIGOS DE LISBOA  
ANO XXVII - Julho de 1964 - Número 107



# COMPANHIA DE DIAMANTES DE ANGOLA

(DIAMANG)

Sociedade Anónima de Responsabilidade Limitada

*Com o capital de*

ESC. 294.100.000\$00

Pesquisa e extracção de diamantes  
na  
PROVÍNCIA DE ANGOLA  
em regime de exclusivo

*Sede Social:* LISBOA, Rua dos Fanqueiros, 12-2.º – Teleg. DIAMANG

Presidente do Conselho de Administração

e  
Administrador-Delegado

*Com. Ernesto de Vilhena*

Presidente dos

Grupos Estrangeiros

*Le Baron Pierre Bonvoisin*

DIRECÇÃO-GERAL NA LUNDA

Director-Geral

*Eng. João Augusto Bexiga*

REPRESENTAÇÃO EM LUANDA

Representante

*Dr. Sílvio Guimarães*

# CASA AFRICANA

●  
PREÇOS FIXOS  
E MARCADOS  
EM TODOS OS  
ARTIGOS

●  
ON PARLE  
FRANÇAIS

●  
ENGLISH  
SPOKEN

●  
Secção de Alfaiataria e Camisaria para Homens e Rapazes. Modas e roupa branca para Senhoras e Crianças. Sedas e Veludos, Lãs, Malhas, Algodões, Cintas e Soutiens. Decorador-estofador. Peles confeccionadas e a retalho. Retrosaria. Luvaria, Perfumaria e todos os artigos para HOMENS, SENHORAS E CRIANÇAS

●  
Rua Augusta, 161 - Telef. 32 42 64 - 65 P. B. X.  
LISBOA

●  
Rua Sá da Bandeira, 166 - Telef. 1361 P. B. X.  
PORTO

●  
Edifício do Cruzeiro — ESTORIL

## SENA SUGAR ESTATES, LTD.

*PLANTAÇÕES E FÁBRICAS DE AÇÚCAR EM*

LUABO e MARROMEU

PROVINCIA DE MOÇAMBIQUE



**viaje pela**



**seguro na**



Os nossos antepassados, quando viajavam, faziam-no com a segurança, rapidez e conforto que os meios de então lhe permitiam . . . As exigências da vida moderna tudo transformaram. Para um eficiente apoio ao apressado viajante dos nossos dias a STAR oferece, através de uma rede mundial de correspondentes, a experiência de todos os seus serviços, e a ATLAS, Companhia de Seguros — a cómoda tranquilidade de um seguro de viagens.

27. JUL. 1988

# OLISIPO

BOLETIM TRIMESTRAL

ANO XXVII

JULHO DE 1964

NÚMERO 107

Director, o Presidente da Junta Directiva  
FERNANDO FREITAS SIMÕES

EDIÇÃO E PROPRIEDADE DO GRUPO "AMIGOS DE LISBOA"

Redacção e Administração: Largo Trindade Coelho, 9, 1.º - Tel. 32 57 11

Comp. e imp. de Ramos, Afonso & Moita, Lda. - S. Vicente de Fora - R. Voz do Operário, 8 a 16

## SUMÁRIO

	Pág.
DADORES DE SANGUE .....	102
ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE A EVOLUÇÃO CONSTRUTIVA DA TORRE DE BELÉM por <i>Carlos A. Mamede</i> (Fonseca Benevides) .....	103
EVOCACÃO DOS ESCRITORES LISBOETAS CARDOSO GONÇALVES E CRUZ MAGALHÃES NO CENTENÁRIO DOS SEUS NASCIMENTOS por <i>Júlio Eduardo dos Santos</i> .....	116
VELHOS TEMPOS por <i>A. M. Pereira da Gama</i> .....	135
ALBERGUE DOS INVÁLIDOS DO TRABALHO por <i>E. N.</i> .....	144
NÓTULA SOBRE A FÁBRICA DE LOUÇA DE ALCÂNTARA por <i>E. N.</i> .....	146
LISBOA, soneto por <i>Christina Bérens Freire</i> .....	120
ACTIVIDADE CULTURAL (do segundo trimestre de 1964) .....	151
OFERTAS... ..	154
FEIRA DA LADRA .....	155
SÓCIOS ADMITIDOS NO 1.º SEMESTRE DE 1964... ..	160
CAPA: Charneca do Lumiar, por <i>J. A. Videira</i>	
VINHETAS de <i>J. A. Videira</i> e <i>Figueiredo Sobral</i>	

*Distribuição gratuita a todos os sócios*

*Os artigos aqui publicados são de exclusiva responsabilidade dos seus autores*



# DADORES DE SANGUE

Mais uma vez, OLISIPO atende, com acentuado prazer, o que lhe tem sido solicitado pela benemérita «Comissão de Propaganda da Dádiva Benévola de Sangue», no sentido de contribuir para a divulgação dos benefícios que resultam da constituição de reservas de sangue para pronta aplicação, arquivando em suas páginas algumas palavras concernentes ao importante problema:

*Se todos os portugueses saudáveis dos dezoito aos sessenta anos doassem o seu sangue uma vez na vida, não se registaria falta de sangue para tratar doentes e acidentados.*

*A doença e o acidente são fatalidades que atormentam o homem de hoje.*

*Ofereça o seu sangue e proteja-se contra elas.*

*Dádiva de sangue — o sorriso que volta aos lábios da criança, a alegria que volta ao coração de uma mãe.*

*Dar sangue é dar saúde a muitos doentes que sofrem nos hospitais.*

*Milhares de Portugueses podem morrer por falta de sangue!*

*Faça uma reserva de vida para si e para os seus, oferecendo um pouco do seu sangue.*

*As necessidades de sangue aumentam todos os dias devido aos acidentes de toda a espécie a que a vida moderna expõe os indivíduos e às indicações da hemoterapia que têm aumentado proporcionalmente com o avanço da medicina.*

*Ofereça o seu sangue!*

## A propósito de uma exposição...

# Algumas considerações *sobre a evolução construtiva* da **TORRE DE BELÉM**

por CARLOS A. MAMEDE (Fonseca Benevides)

**I**NAUGUROU, no passado mês de Março, o Grupo «Amigos de Lisboa» mais uma feliz exposição, desta vez tratando-se da Torre de Belém, exposição esta com o valioso e interessante material, propriedade do Director da Biblioteca Central da Marinha, Sr. Comodoro Alfredo Motta, que incluiu um escolhido conjunto bíbio-iconográfico, atentamente apreciado pelos inúmeros visitantes, que diàriamente passaram pelas salas da sede do Grupo.

Tal certame, pelo interesse que despertou, levou o autor destas linhas a sugerir, para o seu encerramento, a oportunidade de uma palestra integrada nos *Colóquios Olisiponenses*, que assinalasse certos factos que ocorreram na construção do monumento, vulgarmente denominado Torre de Belém, visto que a ela era a exposição dedicada.

Assim, depois de evidenciarmos a muita utilidade de tais iniciativas, pelos ensinamentos que delas se podem colher, procurámos demonstrar que, ao contrário do que se tem dito e escrito, quando Francisco de Arruda, por 1515, deu princípio aos seus trabalhos de projecto e construção, já o fez sobre o Baluarte que, por ordem de D. João II, tinha sido feito sob planos de Garcia de Resende, embora, muito presumivelmente, longe de estar completo.

Tudo o que se tem escrito, exceptuando a tese do Professor Dr. Reinaldo dos Santos, que veio estabelecer a identidade do architecto incum-

bido por D. Manuel I de alterar e construir a famosa Torre, tem a sua origem na crónica de D. João II, da autoria de Garcia de Resende, interpretada de forma a induzir em erro todos os que, apoiados na mesma crónica, sucessivamente se ocuparam do assunto e escreveram.

Diz a crónica:

...tendo ordenado de fazer uma forte fortaleza ..... a qual fortaleza eu por seu mando debuxei e com ele ordenei a sua vontade e ele tendo dado a capitania a Alvaro da Cunha seu estribeiro-mor e pessoa em que muito confiava e porque El-Rei *logo faleceu* não houve tempo *para se fazer*.

Apreciando atentamente uma tal redacção, escrita numa época já recuada quase cinco séculos e em que as palavras eram utilizadas com significado algo diferente do actual, por que não lhe dar também uma outra interpretação?

Assim, poder-se-ia dizer «por seu mando fiz o projecto e ordenei o começo dos trabalhos, mas como El-rei *depois faleceu* não houve tempo *para se acabar...*».

Dada a imperiosa necessidade de tal obra defensiva e conhecido o carácter de D. João II, não podemos ter dúvidas de que a construção fosse iniciada e nada prova também que o trabalho não tivesse continuado durante os primeiros anos do reinado do seu sucessor e primo D. Manuel I, também não sendo de acreditar que se esperassem vinte anos após a morte do Príncipe Perfeito para logo, no curto período de quatro anos, de 1515 a 1519, tornar possível a elaboração do projecto que seria um novo trabalho a aprovar, para depois se tratar de quebrar as saliências rochosas do basalto, abrir caboucos necessariamente fundos, como se pode observar na parte inferior dos paióis, encher os respectivos alicerces, tudo isto em regime de marés, que não permitiam continuidade de trabalhos, sem contar com as rigorosas invernias que ocasionavam suspensões de labor durante dias seguidos; portanto, tudo isto demoraria a construção de todo e conjunto.

Para agravar estas dificuldades é preciso não esquecer a grande distância a que se encontrava a oficina de lavramento das pedras, a morosidade do seu transporte, em carros de bois primeiro, e em barcaças, jangadas ou quaisquer outras embarcações depois. Devido ao facto de grande parte do trajecto se fazer sobre água e com sujeição às marés, dado o grande esparcelamento da margem, maiores estorvos se opunham à continuidade dos trabalhos.



Essa distância foi possível, em parte, observá-la numas plantas topográficas da colecção exposta pelo Comodoro Alfredo Motta, a mais antiga das quais se refere a 1640, isto é, cento e vinte anos depois de Boytac dar lugar à acção de Francisco Arruda como architecto e condutor de trabalhos, sendo de calcular, portanto, que, nessa época, maior seria o esparcelamento, sabendo-se que o Tejo, desde sempre, na margem norte vai cedendo o lugar à terra firme, ao contrário do que sucede na margem sul, onde as profundidades tendem a aumentar.



Fácilmente se infere que, uma vez concluído o pavimento do Baluarte, logo teria sido guarnecido com alguns dos «tiros de D. João II», mais tarde substituídos pelos «tiros grandes de berço», cuja invenção é atribuída ao rei Venturoso, pelo que, dada a grande urgência de defender a margem exposta às depredações dos piratas argelinos, não é de acreditar que se esperassem vinte anos — tanto é o tempo decorrido entre a morte de D. João II e a entrada em funções de Francisco de Arruda, em 1515.

Assim, quando nesta época teria começado a elevação da Torre propriamente dita e a adopção do estilo denominado manuelino, já o Baluarte,

muito provavelmente incompleto na sua estrutura superior, estava apto a desempenhar acção defensiva.

Não se deixe de assinalar o contraste entre o rude e severo estilo do interior do Baluarte e o resto do edifício, e repare-se que o friso ou cordão liso que cinge o mesmo Baluarte na sua parte inferior destoa absolutamente do que por cima aparece com a forma de um calibre, isto é, verdadeiramente manuelino.

Logo duas formas, duas épocas...

Como exemplo das dificuldades das construções do género da Torre de S. Vicente, diremos que a Torre do Bugio, também sobre rochas rodeadas de água, obra pensada por D. João III, só em 1578 foi começada, durante o reinado de D. Sebastião, continuada até Filipe I, supondo-se que primeiramente sobre estacaria e depois já então em alvenaria, e só veio a concluir-se no tempo de D. João IV, que a mandou reedificar, sendo architecto o Padre João Leonardo Torriani. Esta pouco falada obra defensiva, de bastante difícil acesso agora, devido à sua localização e isolamento no meio das águas geralmente revoltas, e denominada de S. Lourenço, situa-se na foz do Tejo, ao sul e defronte de S. Julião; está construída no estilo Renascença italiana, talvez inspirado no Castelo de Santo Ângelo, em Roma, e consta de três corpos circulares concêntricos, um dos quais, o do meio, é a torre onde desde 1775 está instalado o Farol do Bugio, um dos mais antigos da costa de Portugal.



Retomando o nosso assunto e antes de entrarmos na análise dos casos de que trata o presente estudo, diremos que, além de Garcia de Resende, pouco preciso na sua descrição, Damião de Góis, na crónica de D. Manuel, situa a fortaleza do Restelo defronte dos Jerónimos, o que não é exacto, e que Francisco de Holanda escrevia em 1571 que «a Fortaleza de Belém tem tanto custado e sem estar bem acabada»... Como se vê, à semelhança de tantos trabalhos públicos, a construção e sucessivas modificações ou acrescentamentos arrastaram-se por largos anos. Desses sequentes trabalhos nos vamos ocupar, como segue:

## 1.º - O TRAVÉS E CAIS protegido no canto NE:

Com facilidade se verifica ser esta obra um acrescentamento feito mais tarde, em época indeterminada, porquanto está de um modo completo desligado do Baluarte.

A técnica construtiva manda que as fiadas de cantaria venham sendo assentes sem interrupção, de forma a não deixar elementos desligados, travando as fiadas superiores as juntas verticais das imediatamente superiores e assim por diante. Além disto, que já é definitivo, acresce a circunstância de que o cordão liso, que rente à água cinge a muralha, desaparece dentro da massa do través-cais, para reaparecer depois até atingir o seu extremo. A todo este conjunto foi dada feição análoga à da parte cimeira da Torre, tanto no cordão torcido como nas ameias cubo-piramidais.

De resto, ao Baluarte, na sua primitiva forma, era esse través desnecessário, visto que se situava a grande distância da margem, o que por si já representava bastante defesa e, quanto à serventia como cais, lá estava um patim para atracação, como adiante mostraremos.

## 2.º - A PONTE LEVADIÇA:

Não tem esta ponte nenhuma identidade com a traça construtiva, tanto inicial como posterior, e quando elevada não se pode inserir no portal, em caixa adequada, visto o artístico pórtico não o permitir. As correntes de elevação não apresentam paralelismo nem podem levar a ponte a transformar-se numa porta, pela inserção no parâmetro da muralha, como se observa em qualquer exemplar conhecido e existente, por exemplo (citaremos ao acaso) o Castelo de S. Filipe, em Setúbal, a Fortaleza do Cabo de S. Vicente ou o Forte da Bandeira, em Lagos, este recentemente restaurado e dotado de ponte levadiça, que se ergue por um sistema de duas alavancas e correntes, o que o torna um curioso espécimen.

De resto, observando o pseudo-sarilho que existe para levantar a ponte, que se vê na entrada da Torre, facilmente se deduz que foi ali colocado como enxerto, o que lhe dá foros de fantasia decorativa.

### 3.º – A FONTE à entrada e sobre a ponte:

Foi esta obra construída muito posteriormente, como se observa na sua cantaria; só pode ser utilizada com a ponte baixada e foi ali aberta apenas por comodidade. Tem o mesmo nível que apresenta a cisterna.

### 4.º – PÓRTICO com ornatos renascentistas, grotescos e outros motivos ornamentais.

Destoa a ornamentação desta peça do restante conjunto da obra de Francisco Arruda; mostra ser da segunda metade do reinado do Venturoso e é idêntica ao que se vê na Igreja da Conceição Velha, em Lisboa. O aparelho das pedras não condiz com a teoria da colocação das fiadas e as colunas que a ladeiam, encimadas por esferas armilares, bem como o escudo coroadado que aparece mais acima, estão encaixadas na cantaria duma forma que não apresentaria se tudo tivesse sido feito ao mesmo tempo. Observando a muralha por baixo da ponte e da soleira da porta de entrada, verifica-se a existência de mísulas que serviriam para suportar um patim de atracação, ao mesmo tempo que aparecem as pedras onde trabalha o travessão da ponte, pedras essas ali metidas como recurso.

### 5.º – ESCADA DE ACESSO AO EIRADO DO BALUARTE:

Esta escada, com um único lanço de vinte degraus no sentido nascente-poente, interceptou, na época em que foi construída, uma passagem da bateria acasamatada para o compartimento que hoje é a cisterna e que possivelmente se destinaria a outro uso no seu primeiro projecto.

Essa passagem, depois interrompida e tapada e, que sem dificuldade se vê à esquerda de quem sobe, pela altura do 6.º ou 7.º degraus, percebendo-se bem a volta inteira do seu arco entaipado, é também visível pela parte da bateria.

Veio a escada de acesso ao eirado substituir, deste modo, a passagem que parece ter existido no lugar, cujo prolongamento

vertical é hoje, e desde que Francisco de Arruda levantou a Torre, a escada de caracol para acesso aos andares superiores da mesma, segundo tradição oral por nós recolhida de um velho soldado ali em serviço, por 1919, com quem conversávamos sobre velharias da história.

6.º – PORTA OGIVAL com aresta quebrada:

Esta porta, que se nos depara à direita de quem entra na bateria, abrindo de fora para dentro e em que é bem visível o local onde articulavam os batentes, parece ter servido, antes da construção da Torre, para descer para o paiol central, situando-se a sua soleira abaixo do nível normal e devendo existir, parece, uma parede divisória com o claustim, fechando desta forma o compartimento criado.

7.º – PAREDE QUE EXISTIU NO CANTO NW DO BALUARTE:

Esta parede, com um vão de passagem, hoje completamente desaparecida e possivelmente construída pelos franceses, está indicada na planta da casamata, no livro da autoria do Eng. J. Sousa Nunes que trata do famoso monumento, e foi levantada sob o arco que, formando uma nervura da abóbada, prolonga a parede N do claustim para o lado poente, presumindo-se, dada a proximidade da latrina, que serviu para reservar um compartimento de serviço para a guarnição, visto que, no capítulo «habitabilidade» nada se sabe sobre o local das indispensáveis instalações do pessoal inferior e que não seria tão pouco como se possa supor.

Note-se que, se para guarnecer as dezassete canhoneiras bastassem oito bombardas, seriam precisos, pelo menos, 40 artilheiros para as servirem, sem contar com os chefes de peça, e o complemento de sargentos, arcabuzeiros, etc.

Como, com certeza, não era nas salas superiores que essa gente vivia, onde seriam a cozinha, o refeitório e o dormitório da guarnição?

8.º— A TORRE pròpriamente dita:

Quanto a este edificio, maravilha de concepção artistica, que se encontra ligeiramente desviado do eixo de simetria de todo o conjunto, o que é mais uma singularidade, nada há a dizer senão que tinha de ser erguido sobre sólida base e que é obra de Francisco de Arruda, segundo a brilhante identificação feita pelo Prof. Dr. Reinaldo dos Santos no seu valioso estudo, publicado em 1922.

9.º— LÁPIDA QUE ESTABELECE UMA FRANQUIA NO PORTO DE LISBOA:

No artistico parapeito manuelino que guarnece o eirado do Baluarte, pelo lado nascente e quase no extremo NE foi colocada uma lápida onde se lê o que segue:

POR MANDADO DE SUA MAGESTADE, SEJA NOTORIO  
ÁS EMBARCAÇÕS PORTUGUEZAS QUE PASSAREM POR  
ESTA FORTALEZA, QUE NEM Á ENTRADA NESTE  
PORTO, NEM Á SAHIDA DELE, LHE DEVEM SALVA,  
PROPINA OU DIREITO ALGUM NEM NELA NEM  
NENHUMA DAS PESSOAS QUE NELA SERVEM; E ÁS  
EMBARCAÇÕES ESTRANGEIRAS SEJA NOTORIO QUE  
POR ENTRADA NÃO DEVEM TAMBEM COISA ALGUMA  
E Á SAHIDA HÃO DE PAGAR SÓ UM CRUZADO POR  
CADA EMBARCAÇÃO E NENHUMA OUTRA COISA MAIS  
LISBOA 19 DE JANEIRO DE 1655

Esta determinação real, que terminou em 1833, iniciou o estabelecimento da primeira taxa do porto de Lisboa, assim como a sua isenção para os navios nacionais, segundo se depreende da redacção.

10.º— O FAROL erecto no Baluarte:

Este farol, cuja instalação tão criticada foi então, destinava-se a estabelecer determinados enfiamentos para a navegação utilizar nas entradas e saídas dos navios, e foi inaugurado em 1865. Constava de uma pequena torre de ferro com a sua esca-

da de acesso à guarita, onde funcionava a lanterna de luz vermelha. Esta guarita, também de ferro, reproduzia as que de pedra se situam nos ângulos do Baluarte.

Já pelo ineditismo da sua forma, já pela função que exerceu, como há poucos anos foi desmontado e talvez não tivesse ainda sido vendido para sucata, devia este pequeno farol ser recolhido no Museu da Marinha.



Eis de forma resumida e simples, e caminhando de fora para dentro, indicada a evolução construtiva da Fortaleza do Restelo, e, embora seja discutível a doutrina exposta, é a conclusão a que pode chegar quem, como nós, se dispuser a interrogar as venerandas pedras que «falam» na sua imobilidade centenária e eloquente.

E assim terminamos a palestra proferida na noite de 31 de Março deste ano da graça de 1964.



Como complemento do que atrás fica dito, interessante se torna também descrever aquilo a que podemos chamar

#### *A Evolução Destrutiva da Velha Fortaleza*

e sobre isso infelizmente algo há a dizer, como segue:

Os quase cinco séculos de existência, com o seu longo cortejo de fenómenos da Natureza, como intempéries, terramotos, etc., a que se juntaram muitas malfetorias dos homens, bastante contribuíram para o seu envelhecimento; é sobretudo visível, além da corrosão natural do calcário dos seus muros, o desalinhamento das fiadas de cantaria da parte superior da Torre, entre o adarve exterior do terceiro pavimento, do lado poente, e a parte cimeira, o que denota ter havido sismo que o provocou.

Veio 1580, e consumada a invasão do País por Filipe II de Espanha que desta forma se tornou rei de Portugal, logo a fortaleza foi transformada em presídio, para o que foram colocadas grossas grades de ferro

no chão da Bateria, no sítio das entradas dos quatro paióis, assim como portas de grade, uma a meio e outra à entrada do paiol central. Por estas prisões, que exerceram a sua triste missão mesmo muito além da dominação filipina, passaram e nelas fizeram muitos ilustres portugueses.

Talvez por esta sinistra utilidade, o histórico edifício tivesse escapado de ser arrasado como a Filipe II foi proposto em 1586 pelo padre e engenheiro Juan Vicenzio Cazale.

Depois, em 1807, os franceses, sob o comando do general Jean Andoche Junot, invadem Portugal e, após mil vicissitudes e dificuldades, em que poderiam ter sido totalmente desbaratados, se não estivesse embotada a consciência nacional, conseguiram entrar em Lisboa a 30 de Novembro desse ano e acolhidos cobardemente pela famosa Regência!

Logo que pôde, Junot acompanhado de um ajudante e de pequena escolta correu a Belém na esperança de poder capturar alguns dos navios da armada que conduzia ao Brasil a Rainha louca D. Maria I e o Príncipe-Regente, seu filho, depois D. João VI.

Na impossibilidade de o conseguir, Junot pelas suas mãos apontou, para o último navio que ainda próximo avistava, uma das peças do Baluarte, a que o ajudante chegou o fogo, tentando atingi-lo, o que não conseguiram, e esse navio, que por irrisão era conhecido por «Chocalho», assim se escapou a salvo.

Foi no período da dominação francesa que a arquitectura da fortaleza mais sofreu na sua integridade, porque, para obter alojamentos para as suas tropas foi demolida a linda balaustrada interior manuelina do eirado da bateria, sobre o claustro, bem como os seus ornatos e o baldaquino com a imagem da Virgem, tudo isto para, no mesmo eirado, se construir um edifício de dois andares, edifício esse que se pode ver numa litografia antiga, curiosa e hoje bastante rara.

Na mesma ocasião foi também entaipado com tijolos o lindo balcão existente na fachada sul e à altura da segunda sala; igualmente uma parede com um vão de passagem foi construída no canto NE do baluarte e que já atrás citámos.

Também foi Junot que fez construir a bateria denominada «do corredor», que reuniu num só bloco o Forte do Bom Sucesso, construído em 1780 pelo general Valleret, no reinado de D. Maria I, a dita bateria e a Torre de Belém. O lamentável espectáculo que este conjunto ficou desde então apresentando manteve-se até o século passado, quando o glorioso Duque da Terceira, seu último governador, procurou remediar tanto vandalismo, incumbindo o coronel Azevedo Cunha de reintegrar até onde



pudesse a sua arquitectura, o que se fez, sendo dado tudo por concluído em 1846.

Como recordação desse trabalho, ficaram alguns capitéis das colunas dos arcos do claustro ostentando emblemas diversos, como os da arma de engenharia e outros em imprópria concorrência com os primitivos, de jeito francamente românico, assim como uma lápida em que se assinala a reintegração feita.

Terminada de vez a triste missão de cárcere, tornou-se então um verdadeiro monumento nacional, sendo as suas salas decoradas com armas, bandeiras e outros troféus militares, ficando a sua guarda e conservação confiada a soldados veteranos, que ainda conhecemos em 1910, aquartelados no vizinho Forte do Bom Sucesso.

Em 1876, com o fundamento de fornecer gás de iluminação à cidade de Lisboa, foi autorizada a então chamada Companhia do Gás a construir nos terrenos marginaes anexos à Torre, pelo lado norte, uns fornos de destilação de hulha, depósitos de asfalto, parques de carvão e outras instalações afins, que se encarregaram de, à força de tempo e negro fumo, ir tornando as veneráveis pedras da Torre de S. Vicente de Belém irreconhecíveis, tal o negrume que apresentavam, o que gerou enérgicos protestos de quantos se interessavam pelas coisas de arte e pelo respeito devido a tão venerável monumento.

Estes protestos, que de nada valeram, só lograram êxito muitos anos depois, quando, já nos nossos dias, ocupou a pasta das Obras Públicas o malgrado e saudoso engenheiro Duarte Pacheco que tomou a iniciativa de fazer desaparecer tão incómoda vizinhança.

No primeiro quartel deste século há que assinalar quatro factos de importância na vida da fortaleza, o último dos quais se pode considerar criminoso, como vamos descrever:

Foi entaipada uma poterna existente no través situado ante a porta de entrada e virada para o Norte, desaparecendo também os degraus que a serviam.

Foi retirado o gradeamento que fechava o espaço compreendido entre o mesmo través, cais, ponte até à porta de entrada, o que, se não tinha lógica, tinha pelo menos utilidade, pois resguardava todo esse espaço e impedia o seu uso para fins pouco limpos.

Foi completamente demolida a bateria intermédia, construída por Junot, ficando assim a Torre isolada do Forte do Bom Sucesso, e reparados os estragos deixados na cantaria do Baluarte, na sua parte poente

e no sítio que ligava e dava passagem, por um corredor, para dentro da sua bateria.

Finalmente, e isto é mais grave, na sala do primeiro pavimento da Torre, foi destruída uma parede que formava um vestíbulo, que impedia o devassamento da mesma sala, quando se procurava, subindo a escada de caracol, o acesso aos andares superiores, deixando desta forma na mesma sala bem à vista, o bocal da cisterna, como se fosse uma peça de mobiliário decorativa.

Mas o pior foi que, para demolir a parede, foram apeadas duas pedras de valor precioso, que serviam para deixar passar a claridade e que eram esculpidas ao jeito das bandeiras do claustro da Batalha, tão delicado e cheio de requinte é a forma do seu lavramento.

Estas preciosas cantarias, retiradas da Torre e levadas para sítio de que se perdeu a memória, foram dadas por desaparecidas e completamente esquecidas, vindo a ser encontradas e identificadas em Outubro de 1959, por quem estas linhas escreve, após porfiadas pesquisas, num recanto do inacabado claustro grande do Mosteiro dos Jerónimos, abandonadas no chão entre pedras, entulho e ervas, fracturadas, mas de fácil reposição no seu legítimo lugar. Acham-se actualmente, graças ao muito zelo do Director dos Monumentos Nacionais, senhor architecto Vaz Martins, devidamente guardadas e temos esperança de ainda as ver colocadas no lugar que lhes compete, e o monumento bem merece.

Recentemente, a Administração Geral do Porto de Lisboa, a quem está entregue, não sabemos porquê, a guarda e conservação da Torre de Belém, mandou refazer as fugas das chaminés da 2.<sup>a</sup> e 3.<sup>a</sup> salas, e que se erguem no eirado superior, empregando como material o tijolo vermelho, curvo e prensado. Este anacronismo leva-nos a pensar como seriam anteriormente construídas. Também fez mobilar as salas com alguns custosos móveis antigos de um estilo e uso muito discutível, mas que lhes emprestam um certo ar caseiro, que não incomoda.

Também, pouco depois, fez arrancar a lápida existente, como já dissemos, desde o século XVII, no parapeito do Baluarte, com o fundamento de que onde estava não se podia ler, mas ao desmontá-la partiram-na em dois pedaços e jaz agora no chão da bateria sem que, ao menos, se indique o local onde estava e para que servia. Valeria a pena tal desacato?

Desejaríamos vê-la no seu lugar e então, num quadro bem à vista se mencionasse o preceito contido na lápida visto tratar-se de um documento com uma importante, para a época, determinação de franquia e taxa portuária.

Umás pequenas e quase ridículas peças de artilharia, mandadas fundir, servindo de molde uma outra do tempo de D. Manuel I e existente no Museu Militar, foram colocadas nos locais das canhoneiras do Baluarte.

Destas peças, por impróprias que são, não vale a pena falar.

Uma útil ponte de madeira, para acesso fácil à Torre, foi também construída, quando foi regularizada a escadaria e muralha pelo lado norte, pela suposição em que estavam de que a água voltaria a rodear o monumento como era seu desejo mas... o Tejo continua a ser o mesmo e o tempo não recua, de forma que as areias anularam praticamente esses esforços.

E assim terminamos, supondo ter dito tudo o que pudemos saber sobre as grandezas e misérias do mais mimoso e querido dos monumentos militares, que enobrecem a mui nobre e leal cidade de Lisboa.

9 de Maio de 1964.

É póstuma a publicação deste artigo, da autoria de Carlos Mamede (Fonseca Benevides). O artigo é a súpula duma conferência — *Algumas observações referentes à evolução construtiva da Torre de Belém* — feita na nossa sede em 31 de Março próximo passado. Carlos Mamede veio a falecer, em resultado de desastre, em 3 de Junho seguinte.

Era um autodidacta com larga cultura e conhecimentos profundos de arte e música, e especialmente apaixonado pelas coisas náuticas. Já não era a primeira vez que falava ou escrevia sobre a Torre de Belém e sempre com o entusiasmo, graça e larga cópia de conhecimentos, que lhe eram habituais.

OLISIPO publicou, em tempos, palavras suas a propósito do Castelo de São Jorge. Colaborou num artigo do Eng. Vieira da Silva acerca do assunto.

Ao publicar as suas últimas palavras sobre a monumento que tanto o apaixonava, lembramos com saudade a sua pessoa e lamentamos sentidamente o seu trágico passamento.

E. N.

EVOCAÇÃO  
dos Escritores Lisboetas  
**Cardoso Gonçalves e Cruz Magalhães**  
no centenário dos seus nascimentos

Conferência proferida na sede do Grupo  
«Amigos de Lisboa», em 30 de Abril de 1964

por JÚLIO EDUARDO DOS SANTOS

**A**o receber o honroso encargo de exaltar a acção dos notáveis lisboetas Joaquim Cardoso Gonçalves e Artur Ernesto Santa Cruz Magalhães, não em minucioso *elogio*, impossível de apresentar em conjunto, em virtude da importância assumida pelas produções e iniciativas desses esclarecidos e beneméritos escritores, mas em simples *evocação* da sua obra e personalidade, imediatamente me compenetrei de que havia de arrostar com dificuldades de vulto, que aliás sempre surgem ao elaborarem-se sínteses de tal natureza.

Não é infundamentada a asserção de que, a dezassete anos da sua morte, raros sabem quem foi Cardoso Gonçalves. É que o esquecimento do nome de muitos intelectuais, sobretudo de investigadores (ele foi também devotado apóstolo da educação popular) é assaz corrente. Da acção deste escritor poderia falar com bom fundamento, por tê-la avaliado pormenorizadamente, honrado como fui pela sua amizade efectiva, embora não íntima.

Quanto ao nome de Cruz Magalhães, não há pessoa culta que o ignore e não admire a sua generosa doação à cidade de Lisboa do Museu Rafael Bordalo Pinheiro, heróico rasgo a que se limita, todavia, esse conhecimento, restrito para cabal apreciação de tão curiosa personalidade. Não o conheci pessoalmente e confesso também que pouco sabia das suas actividades e orientação, e até de quanto significou de sacrifício a criação

daquele Museu; mas, ao inteirar-me das circunstâncias que rodearam essa iniciativa — a máxima da sua vida — e do mérito e sobretudo do espírito crítico de que a sua obra está impregnada, de grande surpresa e admiração ia sendo tomado. São as minhas impressões assim colhidas que me orientam nesta evocação, a qual certamente se ressentirá do reduzido espírito crítico de quem as formula.

Mais alta homenagem seria justo prestar-se a ambos estes tão distintos vultos lisboetas, e a muitos outros insuficientemente conhecidos, divulgando-se a sua bio-bibliografia. Lisboa não deve apenas orgulhar-se dos seus mais insignes filhos, mas também dos que, consagrando-se diligentemente à pesquisa e divulgação de quanto concerne à história e vida cidadinas, contribuem valiosamente para a glória da grande metrópole.



Cardoso Gonçalves

Joaquim Cardoso de Sousa Gonçalves, que na capital sempre viveu e morreu aos oitenta e três anos, concluiu o Curso Superior de Comércio e fez parte do funcionalismo da Junta do Crédito Público, onde, mediante sucessivos concursos, atingiu a situação de Director de Serviços.

A parte fundamental da sua actividade de escritor e crítico de arte respeita a trabalhos de investigação histórica, especialmente no âmbito da bibliografia e da iluminura bibliológica, tendo conquistado — segundo um seu biógrafo — justo renome entre os mais cultos e mais probos eruditos portugueses.

Além de colaboração em várias revistas do País e do estrangeiro e de assaz numerosas obras de temas pedagógicos ou de divulgação, publicou valiosos estudos (quase todos apresentados à Associação dos Arqueólogos Portugueses, de que foi sócio titular) sobre *O Missal Pontifical de Estêvão Gonçalves Neto* <sup>(1)</sup>; *O Lapidário del-Rei Afonso X, o Sábio*; *O Casamento de Isabel de Portugal com Filipe-o-Bom, Duque de Borgonha, e a Fundação da Ordem Militar do Tosão de Ouro*; *A Bíblia dos Jerónimos e o Mestre das Sentenças*; e o *Apocalipse de Lorrão*.

Mesmo a versar temas referentes a obras estrangeiras, Cardoso Gonçalves considerava com acentuado interesse os seus reflexos na história e cultura nacionais. De muitos testemunhos, de que poderia socorrer-me para mostrar quanto o apreciavam os mais abalizados especialistas nos assuntos sobre os quais fazia incidir os seus penetrantes estudos, cito apenas o do falecido escritor Dr. Luís Xavier da Costa, que distintamente ocupou a presidência da Associação dos Arqueólogos Portugueses e foi reputado, com justiça, grande autoridade como crítico de arte.

No importante prefácio que escreveu para a edição do estudo de Cardoso Gonçalves sobre *O Lapidário del-Rei Afonso X, o Sábio*, produção cheia de interesse histórico, bibliográfico, artístico e crítico, disse o Dr. Xavier da Costa:

O leitor do trabalho presente formará por certo dele a mesma opinião laudatória que eu pude manifestar, quando tive a honra de presidir à sessão dos Arqueólogos Portugueses, na qual foi recitado pelo erudito Sócio Titular que o subscrive.

Disse então e agora repito, ser-nos dado apreciar raras vezes um labor em que a profundeza de conhecimentos, a soma de minudências de observação, as subtilezas indutivas, o rigor da crítica e a habilidade no progressivo desenvolver do assunto atingem a perfeição e a segurança que evidenciam neste.

Seu autor publicou, há dois anos apenas, uma importante memória, documentada e séria, a respeito do missal de Estêvão Gonçalves Neto, que ficou constituindo o melhor e mais evocativo estudo sobre a citada obra seiscentista, notabilíssima e monumental, da iluminura portuguesa. Continuando nessa ordem de trabalhos de investigação histórica e apreciação estética a respeito de outras grandes obras de

---

(1) Dos seus trabalhos sobre iluminura este é considerado o mais notável.

iluminura existentes na Península Ibérica e que mais ou menos se prendem com o nosso País, estuda agora o precioso códice da biblioteca do Escorial, que assim ficamos a conhecer e a admirar através de uma elegante e completa descrição.

Não se contentando, porém, com a simples resenha objectiva da obra famosa que o ocupa, fá-la o nosso autor preceder de elucidativo capítulo, no qual descreve a evolução da iluminura em geral e da sua técnica no decurso das épocas. E esse claro e bem deduzido resumo, cujo alto valor pode ser aquilatado por quem ao assunto, conhecedor da sua complicação e dificuldades, se há dedicado já com preferência e alguma atenção, servindo de preparo aos capítulos seguintes, forma uma das partes mais atraentes e meritórias do trabalho que nos é apresentado e uma profícua lição, plena de pontos de vista originais e aceitáveis, sobre tal ramo fundamental da história das belas-artes.

Mas a larga descrição objectiva do *Lapidário* é que serve depois a Cardoso Gonçalves para patentear toda a elegante meticulosidade, toda a competência diplomática, artística e técnica, toda a sóbria precisão, às quais já fiz referência e que, se contribuem para despertar e manter no leitor um agrado sempre crescente e uma curiosidade plenamente satisfeita, o levam também a formar a cabal ideia e perfeita imagem do monumento bibliográfico estudado.

Da sua colaboração dispersa por revistas, há que salientar a incluída nos *Anais da Academia de Estudos Livres* e na *Revista de Educação Geral e Técnica*, órgão da Sociedade de Estudos Pedagógicos, colectividades em que, largos anos, exerceu com entusiasmo e competência as funções de secretário. A outras agremiações de divulgação cultural deu também assídua cooperação.

Solicitaram sempre sua atenção os problemas de pedagogia, inclinação a que se ficaram devendo várias peças de teatro escolar, pequenas mas curiosas produções, a mencionar junto de outros folhetos elaborados para servirem de guia em visitas culturais promovidas pela sobredita Academia, em que sòmente um se me antolha pouco feliz: o referente a Mafra, influenciado pela crítica injusta de Herculano, e em que se nos deparam algumas considerações infundadas sobre o egrégio fundador do grande monumento. As ideias preconcebidas determinam, por vezes, juízos iníquos, mas no caso deste escritor, homem bom e compreensivo, tudo isso se patenteava esbatido, embora talvez algumas ideias pedagógicas que perfilhava — tanto pela sua própria ideologia, como pela orientação das colectividades a que pertencia — nem sempre viessem, se postas em prática, a mostrar a eficiência sonhada.

Sequioso de saber e de actuar proficuamente, na sua constante ânsia de bem-servir, em todos os campos em que o seu esforço pudesse ser útil, Cardoso Gonçalveslouvavelmente cooperava com outras instituições, além



Frontispício do «Missal Pontifical», de Estêvão Gonçalves Neto





Iuminura da obra de Estêvão Gonçalves Neto

das referidas, mesmo quando especializadas, como sucedeu ao criar-se um efémero centro de estudos económicos. E, em caso de manifestações artísticas, o seu incentivo nunca faltava.

Cumpro um dever de gratidão e simultâneamente ponho em realce o seu amor pela arte, referindo o entusiasmo deste bom Amigo pela publicação de *A Polifonia Clássica Portuguesa*, por mim feita em 1937. Cardoso Gonçalves, que já se debruçara sobre a figura do grande contrapontista da escola de Évora Frei Manuel Cardoso, cuja obra aliás lhe era inteiramente desconhecida, pôde finalmente apreciar composições da época áurea da nossa música vocal, tendo-me honrado com uma série de onze artigos, sob o título «Um Livro Precioso», no semanário *Brados do Alentejo*, de Estremoz. Concluiu a sua crítica nos termos que vos transmito seguidamente, o que faço não pela valia da opinião sobre o género polifónico, um tanto diferente do que expõe, mas para assinalar o entusiasmo do escritor pela arte divina da música e sua influência, caso esporádico entre os nossos homens de letras. Disse Cardoso Gonçalves:

A música em Portugal, como em toda a Europa culta, ia progredindo nos séculos XVI e XVII, talvez a caminho dum fim diverso do que seguiu com o grande Beethoven, o *maior dos maiores*. Lá fora afastava-se já a polifonia da preocupação exclusivamente religiosa para alargar o âmbito à vida total da própria humanidade. Mas o artifício da ópera foi o primeiro embaraço àquele fim quando concorreu para o triunfo da forma orquestral: o instrumento a dominar, embora Beethoven quisesse — na *Nona* —, sublime manifestação do género humano, dar à voz o lugar primacial.

O despertar da polifonia, que se acentua na Europa, é sintomático, revelando talvez que se procura outra finalidade à divina Arte.

O estudo substancioso que é *A Polifonia Clássica Portuguesa* veio na sua ocasião própria.

Não se trata de regresso ao passado, segundo me parece, mas de retomar o caminho para um fim diverso: o *coral*, interpretando o sentir da *multidão*, a Arte ganhando a sublime batalha.

Só a Música, despida dos seus artifícios, pura e enorme, ganhará um dia a vitória, ditando a paz, sob a direcção doutro génio como o de Beethoven.

Bendigamos a memória de Cardoso Gonçalves, que com perseverança e rara distinção bem serviu a cultura portuguesa e enternecidamente amou a sua terra natal!

Artur Ernesto Santa Cruz Magalhães, que, após os estudos liceais, frequentou a antiga Escola Politécnica onde obteve aprovação em algumas cadeiras, só episódicamente exerceu funções públicas. Toda a sua existência, apenas de sessenta e quatro anos, a consagrou ao culto da Beleza e da Bondade.

A posição honrosíssima que conquistou no nosso meio social dimanou quase exclusivamente de duas valiosas atitudes: a sua insistente campanha camiliana, iniciada e mantida com assinalado entusiasmo, e a criação do Museu Rafael Bordalo Pinheiro. Evidenciou-se, contudo, como poeta e prosador, tendo legado algumas páginas de real mérito. Mais de vinte espécies constituem a sua bibliografia, incluídas nesse cômputo várias folhas avulsas de intuitos pedagógicos ou meramente literários, algumas editadas — como sucedeu também a certas obras de maior tomo — com fins beneficentes. Entre as instituições frequentemente lembradas por Cruz Magalhães nesse simpático modo de cooperação, podem citar-se a Cruz Vermelha, Estrela Vermelha, Mutilados da Guerra, Sopa dos Pobres do Jornal *O Século*, Asilo de S. João, Sociedade Protectora dos Animais... Assim exemplificava o seu culto da bondade, excelso tema tantas vezes desenvolvido pelo Poeta.

Lembro, a propósito, o soneto «Soberania Máxima», dedicado ao Presidente da República Dr. António José de Almeida, publicado na revista *Alma Nova*, composição em que, após classificar apenas de mitos os grandes homens e de imperceptível grão de areia a própria Terra entre o rolar dos mundos infinitos, eleva ao lugar supremo, no último e belo terceto, o maior ideal da sua vida:

Uma só coisa aflora a eternidade,  
E atinge, augusta, as lúcidas esferas:  
— A força inquebrantável da bondade.

Amigo e companheiro de notáveis homens de letras, jornalistas e artistas da época, talvez Cruz Magalhães, escritor a quem não faltava talento inventivo e estilo atraente, pudesse ter architectado obras de maior fôlego. Alguns livros provam exuberantemente o seu mérito, como os poemas *Manhãs de Inverno*, publicado quando o autor contava vinte e seis anos, e *Sem Norte*, dado à estampa em 1918. Recebidos com justos aplausos pela crítica, ficaram constituindo a parte literária mais bela da sua obra.

De tantos encómios tecidos ao segundo e mais importante destes volumes, seja-me permitido apresentar um excerto da sua análise, feita em *O Dia* pelo dramaturgo de mérito que foi Augusto de Lacerda:

Alguns trabalhos tem produzido o autor, que uma obstinada modéstia conserva não diremos num mundo desconhecido, mas fora do movimento literário, que a outros tanto seduz. Poeta no sentimento, amoldou a sua forma pela dos nossos clássicos, não desdenhando por vezes a popular, do que resulta um conjunto com certo pessoalismo. É principalmente na amargura que o seu temperamento vibra com maior amplitude, notando-se a sinceridade impressionante, que é sempre a legítima recomendação da obra de arte.

E ainda as palavras de Acúrcio Pereira em *O Século*:

São versos que não podem ler-se sem uma íntima comoção pela sinceridade dos sentimentos, inspirando poesias de um lirismo em que a delicadeza da concepção e a suavidade do traço se conjugam com a harmonia das quadras, quer estas tenham a forma popular da redondilha, quer sejam vasadas no molde clássico dos decassílabos.

Da primeira destas obras são os belíssimos versos «Minha Mãe», que, em sua singeleza e lirismo, lhe conquistaram muito honroso lugar entre os poetas portugueses que se têm enamorado de tão tocante tema. Dir-se-ia, talvez, se de confronto se tratasse, que ombreiam com a maravilhosa composição *Alguém* — da mesma extensão e de igual métrica — de Gonçalves Crespo, poeta este para o qual (disse-o sua própria esposa, a notável escritora Maria Amália Vaz de Carvalho) «sentir, pensar, amar traduziam-se em versos alados, de uma pureza inigualável».

Através da arte requintada da ilustre Poetisa e Declamadora Laura de Aviz (nome literário da Ex.<sup>ma</sup> Senhora D. Laura de Aviz Torres Baptista), vão V. Ex.<sup>as</sup> apreciar esta enternecedora composição, além de outras, também de Cruz Magalhães, incluídas no programa deste Serão de Arte.

#### MINHA MÃE

Mal uma dor o rosto me anuvia,  
O seu olhar me envolve em tal conforto,  
Como o olhar suave de Maria,  
Quando fitava a Cristo semimorto.

E quando me contempla assim tremente,  
Ansiosa, diligente e condoída,  
Não sei o que minha alma absorta sente,  
Parece que me anima uma outra vida.

Então a crença, a indefinida essência,  
Quase dissipa a densa treva escura  
Que transformou a branca transparência  
Das minhas ilusões! Fugaz ventura!

Que sempre o teu divino olhar me afague,  
Fúlgida estrela, meu sonhado bem!  
E nunca o teu piedoso olhar se apague,  
Ó minha boa, ó minha santa Mãe!

De como manejava hàbilmente o verso são ainda concludentes provas, além de produções dispersas, o episódio *Luta de Amores*, premiado em concurso literário, e a versão de *A Entrevista*, de François Coppée.

E das suas obras em prosa conquistou acentuada expansão o volume *Vultos de Ontem, Vultos de Hoje*, aparecido no ano da sua morte: relato de carácter anedótico e só acidentalmente biográfico, obra muito curiosa, como em geral as do género, quando firmadas por autores imparciais de comprovado mérito literário como Cruz Magalhães, que soube vencer os escolhos que se deparam a quem quer falar dos vivos... É que — judiciosamente salientava — «pode surgir a suspeita de que nos move um interesse, uma subserviência, uma adulação, até o vaidoso intuito de compensar favores recebidos!»

O amor à poesia, conjugando-se com a sua bonomia e culto da amizade, levou-o (numa das manifestações de generosidade em que foi pródigo) a editar obras de outros autores, como Costa Alegre e Luís Calado Nunes, este bem notável cultor das belas-letas, e a celebrar triunfos de alguns dos nossos maiores artistas, seus amigos, por vezes até em despreziosas redondilhas. É delas exemplo esta, que só encerra graciosidade e, decerto se compreenderá, nada de irreverência:

Comparo Malhoa a Cristo.  
Discordam? Pois insisto.  
Discípulo, que ele adestre,  
Proclama-o *Divino Mestre*.

E assim, no mundo irreal da Beleza e no objectivo da Bondade, foi decorrendo a sua existência, enquanto o Poeta ia cantando:

Muito ao longe a Mocidade!  
Vou, pelo Mar da Amargura,  
Na barca Triste Saudade,  
Demandando a Sepultura!



A outro curioso aspecto da obra de Cruz Magalhães afigura-se-me imprescindível aludir: ao humorismo resultante do seu inconformismo, ou seja, da vibratilidade do seu espírito sequioso de perfeição. Assim, tal humorismo não se restringia a devaneio gracioso, e consequentemente as suas produções do género não se nos deparam apenas recheadas de frases de espírito, mas imbuídas de alto sentido prático, moralizador, através do travo amargo da desilusão.

Duas merecem privilégio de citação particular: *O Inverosímil — Conferência proibida* [proibida, segundo fantasia do autor...], *original do insigne escritor e moralista Lorde Pechincha de Nadavale*, publicada em separata da revista *Alma Nova*, notável publicação que o ilustre escritor Sr. Major Mateus Moreno distintamente dirigiu e manteve de 1914 a 1930; e *Máximas... Mínimas, Ditos... Mal Ditos, e Riso Amargo*, edição da «Renascença Portuguesa».

Atentemos no primeiro folheto:

Abstraindo dos incisivos comentários, contidos no curioso livrinho, a muitos temas urbanísticos e a censuráveis aspectos da vida lisboeta da época (1923), ouçamos apenas a parte consagrada à defesa da nossa linguagem, tão esclarecida e patrioticamente feita, cómica na aparência mas salutar na realidade. Após ter citado o nome de alguns seus ex-colegas (*ex*, porque segundo explica tinham passado já à mais lamentável mas honrosa categoria de pessoas defuntas...), Herculano, Camilo, Antero, Eça, Marcelino, Ortigão, Fialho, etc. — pergunta «o que valem os seus ridículos e obsoletos modos de pensar, expostos sem brilho e sem elegância, perante a avalanche radiosa e potente da moderna literatura?!» E exemplifica:



Cruz Magalhães numa das salas do Museu Rafael Bordalo Pinheiro

Quereis uma prova do que afirmo?

Na linguagem dessa pléiade de descategorizados, que só o elogio-mútuo consagrou, nem uma só vez aparece, sequer, o formosíssimo verbo da moda, cheio de graça, de beleza e de eufonia, de fácilíssima dicção, e, sejamos justos, imprescindível para o regular funcionamento da língua, como bem afirmam e provam os vernaculíssimos e pujantíssimos escritores de agora, enfim, a mais prestadia, a mais insubstituível palavra moderna, o verbo *constatar*!

Na genuína, mas escassa, língua portuguesa não há um só sinónimo desse alegre e redondo vocábulo! *Verificar, asseverar, confirmar, notar, assegurar, garantir, averiguar, corroborar, autenticar, etc., etc.*? Mas isso são galicismos charros, irritantes, inúteis... Todos sabem que um idioma é tanto mais rico quanto menos palavras possui para traduzir as ideias e os factos; se com uma só palavra, de sabor deliciosamente francês, podemos significar o que várias outras nacionais exprimem, é claro que tornamos o estilo muito mais florido, muito mais expressivo.

*Constatar, constatação*: palavras beneméritas, salvadoras!... Assim o proclamam todos os meus ilustres, conspícuos, abalizados, eruditos e fecundos colegas da geração hodierna, da geração contemporânea, a única que contém tudo... e mais alguma coisa — aquela coisa subtil e odorante, que inebria os novos com tanta razão, quanto escandalizava os velhos sandeus. A nobre e gloriosa geração contemporânea, do alto da cátedra do saber... de audácias feito, assim o proclama: o verbo *constatar* não tem equivalente na língua pátria, é insubstituível. A garantia mais garantida de autonomia de um povo é a sua língua, que deve defender-se e conservar-se na máxima pureza, só maculada com os estrangeirismos indispensáveis. Por isso afirmam: mais indispensável do que o *constatarzinho* nada se conhece.

Apoiado! Muito bem!

Creio que ouvi vários *apoiados* e entusiásticos *muito bem*. Não são minhas estas esmagadoras verdades, mas aceito os aplausos, tão justos para os proclamantes delas, como para mim, seu indefectível porta-voz.

Esta jocosa atitude de Cruz Magalhães não foi caso fortuito: como amigo, admirador e verdadeiro discípulo de Cândido de Figueiredo (cuja benemérita e vasta divulgação de problemas linguísticos e combate a erros e vícios de linguagem, certos passos de menor rigor científico ou de menos exacto critério filológico não apoucam, conforme imparcialmente frisaram alguns dos seus panegiristas), contava-se entre os «caturras» da pureza do nosso idioma, essa aguerrida falange de prosélitos, que as campanhas daquele lexicólogo criaram. Nas tertúlias que frequentava, atestam os que bem o conheceram, era interessante e proveitoso escutá-lo a pugnar, sempre com entusiasmo, por tão alto ideal.

Esse imperativo de consciência, de bem amar o que é genuinamente nosso, certamente o manifestava Cruz Magalhães sempre que surgisse oportunidade. Outro exemplo, em campo bem diverso: ao apreciar os seus esforços para conseguir o apuramento da raça de cães da Serra da



Estrela a partir de *Hermínio*, o famoso exemplar que pode ver-se junto do dono na tão apreciada obra-prima de Malhoa «Dois Amigos», pertencente ao Museu Nacional de Arte Contemporânea, escreveu o médico-veterinário Joaquim Parra:

Cruz Magalhães, admirador de tudo quanto é nosso, de tudo quanto é seu e portanto português, com uma tenacidade digna de admiração, com uma constância e paciência notórias, quis provar, e conseguiu-o, não só que o nosso cão da Serra nada ficava a dever a esses admiráveis animais da raça S. Bernardo, como era possível, e bem o tem demonstrado, a adaptação dos nossos serranos em climas e condições diferentes daquelas que gozam na Serra da Estrela. [...O seu intuito foi apenas] mostrar que temos cá muita coisa que bem cuidada não só supre como excede muitas que vamos buscar lá fora.

Plena de fecundos ensinamentos, até em questões de pormenor, a vida deste benemérito cidadão e devotado patriota!

A segunda obra, *Máximas... Mínimas*, poderá, a primeiro exame, considerar-se banal, suposição que, todavia, não resistirá a penetrante leitura, salvo quanto a certos juízos, filiados no agnosticismo do autor, insusceptíveis de geral anuência. Estas máximas, escreve Cruz Magalhães, «desagradarão a muitos convencionalistas, aos quais a franqueza irrita; nelas eu exponho o que penso, sem artifícios, com sinceridade: azedumes resultantes duma longa experiência da vida, afinal». O *Riso Amargo* (antigo pseudónimo de Cruz Magalhães, aqui incluído no título) justifica-se em face dos pensamentos de Camilo nessa obra apresentados em epígrafe, sobretudo do extraído das *Cenas da Foz*, precisamente o mais grato ao autor do livro em referência: «Grandes devem ter sido as provações de quem souber tilintar os guizos do histrião para que lhe não ouçam os gemidos...»

Eis apenas cinco das sentenças deste curioso devaneio literário, seleccionadas dentre inúmeras, que bem mereciam maior divulgação:

Seria surpreendente perguntar aos grandes da Terra, a todos os que as tubas da fama glorificam, que as nações consagram, que o geral consenso diviniza, se no tribunal da própria consciência nada lhes protesta contra as sagrações de que são alvos!...

A vida sem Beleza é árida e triste; criemos Beleza, amemos a Beleza... para tornarmos a vida suportável.

*Amigo* — a palavra mais atraçoada do dicionário.

A ambição mais nobilitante e mais consolativa é a de bem-fazer; todas as outras: triunfos artísticos, de mando, de conquista, de acumular riquezas — salvo a das ciências beneméritas — falam mais à vaidade do que ao coração; revelam sobretudo egoísmo, não possuem o mais belo âmbito — o humanitário.

Sofrem-se catástrofes que obliteram por completo o gosto de viver. Sentimos então grande desprendimento, um desamor invencível por tudo que possuímos. Perdem-se as aspirações e os mais simples desejos. Quem se viu espoliado do máximo, que lhe importa o mínimo? De tudo isto resulta considerar-se para aí muita vez generosidade o que é tédio simplesmente.



Quanto haveria a dizer da generosa e patriótica campanha camiliana, em que Cruz Magalhães se empenhou com invulgar entusiasmo — campanha atinente a que o insigne romancista do *Amor de Perdição* tivesse a consagração devida ao seu génio: monumento condigno, entrada dos seus despojos no Panteão Nacional, pensão aos descendentes que dela carecessem! Cerca de trezentos artigos e a edição, de parceria com o jornalista Oldemiro César, do apreciado volume *Em Terra de Ingratos*, onde arquivou parte daqueles escritos dispersos, ficaram a atestar o esforço dispendido em tão nobre movimento, recebido pelo nosso meio literário com justificado aplauso.

Entre as mais significativas apreciações de *Em Terra de Ingratos* conta-se a do grande jornalista Eduardo Schwalbach, no *Jornal de Notícias*, do Porto, em que deixou exaradas estas justas palavras:

A emotividade desses dois belos espíritos, que se juntaram numa campanha tão honrosa para eles, ressalta a todo o momento e de página para página vai-se transmitindo ao leitor. E como ambos sabem escrever — o que não é vulgar —, a impressão recebida toma maior vulto e tem dominado por inteiro quando se chega à última página. [...] Abençoada paixão a destes dois escritores de alma tão nobre e desinteressada!

Nesse livro depara-se-nos também o soneto de evocação de Camilo, da autoria de Cruz Magalhães, publicado pela primeira vez em 1906, no antigo diário *Novidades*:



«Dois Amigos», uma das obras-primas de Malhoa

UMA SAUDADE À MEMÓRIA DE  
CAMILO CASTELO BRANCO

Na mocidade tresloucada e vária,  
Sem ter o amor de pais, ou de parente!...  
Sempre enlevada a mente visionária,  
Ânimo forte e fantasia ardente!...

Sofreu madrasta Sorte e usurária:  
Por cada riso a lágrima candente;  
Foi-lhe baptismo a Dor, e funerária  
A primeira paixão, que mais se sente.

Nem no trabalho insano achou amparo,  
Esse talento pródigo, indefesso,  
Esse alto coração de português.

E quem derramou luz com brilho raro,  
Num culto ideal de auroras e progresso,  
Nas trevas da cegueira se desfez!



A história do Museu Rafael Bordalo Pinheiro é plena de ensinamentos. Não faltam subsídios para total apreciação de quanta tenacidade e mesmo profundo sacrifício foram postos ao serviço da grande e absorvente ideia de Cruz Magalhães. Aos esclarecimentos incluídos em várias obras pelo seu próprio fundador e organizador, vieram juntar-se novos elementos, sobretudo os ministrados por trabalhos da nossa dedicada consócia Senhora D. Julieta Ferrão, iniciados em Julho de 1922 pela *Monografia do Museu Rafael Bordalo Pinheiro*, reveladores da competência, entusiasmo e dedicação que a ilustre Escritora, desde o início das funções de director-conservador, consagrou a tão notável núcleo artístico.

Ao descrever a origem e desenvolvimento do Museu, em livro publicado em 1925, disse Cruz Magalhães que, couraçado pela hombridade de sessenta invernos, gastos com isenção, desde muito novo, a amar a Pátria e a Arte, obedecia a um dever, que supunha imprescindível: dizer a verdade. Inútil tal declaração — comento eu —, porque o benemérito escritor teve sempre a verdade por dilecta companheira...

A ideia inicial do Museu surgiu de um alvitre do professor e poeta Luís Calado Nunes, admirador entusiasta de Bordalo e íntimo e dedicadíssimo amigo de Cruz Magalhães. Relata este no mesmo livro:

Um supremo desgosto, que me feriu esmagadoramente, e me desnor-teou pela amargura imarcessível de um extremo sofrimento, levou-me, na sua mais intensa fase, a um desvaio anímico, acabrunhante, profundíssimo, nunca totalmente sanado. Foi então que em conversas sucessivas e carinhosas, entre mil formas de me distrair, Luís Calado Nunes, meu inolvidável e fraternal Amigo de infância, me sugeriu a ideia de coleccionar a valer a obra colossal de Rafael Bordalo Pinheiro. Tanto porfiou, por tal forma soube insinuar-se no meu espírito e vencer-me, que me decidi a fazer-lhe a vontade.

A tempo e discretamente havia Cruz Magalhães começado a coleccionar espécies para o Museu. Mais tarde, a larguíssima colheita que obteve teria sido impossível — acentua seguidamente —, pelo menos para si, pela exorbitância de preços que atingiram todas as peças, gráficas ou cerâmicas, de Rafael Bordalo. Não se trata de elucidação escusada, porque é acto de justiça focar o real sacrifício derivado desta iniciativa, mencionado por Cruz Magalhães nestas palavras, que nobremente reflectem o seu magnânimo carácter:

Devo dizer que recusei, e recuso, tudo que signifique um galardão ou uma recompensa qualquer. [...] Fundei, organizei e dirigi o Museu Rafael Bordalo Pinheiro, sem remuneração ou recompensa alguma. Quase me arruinei completamente. Ofereci à minha Pátria alguma coisa de valor incomparavelmente superior ao que me ficou para viver o resto dos meus amargos dias.

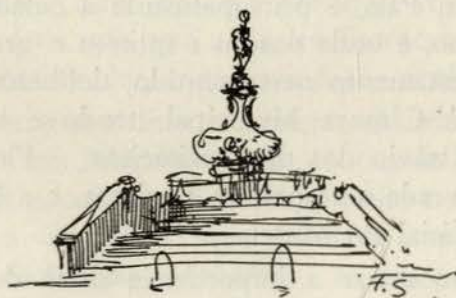
Em 6 de Agosto de 1916 foi o Museu patenteado pela primeira vez ao público, sendo então constituído apenas por quatro salas. Receando que, após a sua morte, qualquer obstáculo prejudicasse o propósito de que o Museu, incluindo o edifício, viesse a pertencer — como deixou bem esclarecido — «ao meu País, e principalmente à cidade de Lisboa, onde nasci, e que muito amo, e onde nasceu e morreu o grande caricaturista», embora tendo feito testamento nesse sentido, deliberou antes optar pela doação do conjunto à Câmara Municipal, tendo-se tornado necessárias três propostas, por extravio das duas primeiras... Finalmente, em 2 de Julho de 1924, foi lavrada a respectiva escritura, e a 26 desse mês realizou-se a reabertura oficial do Museu.

Desnecessário demonstrar a importância desta doação. A obra de Bordalo pode ser considerada em vários aspectos, reduzíveis em síntese

a dois: o artístico e a influência que exerceu no agitado meio social da época, quando tantas e bem notáveis figuras brilhavam nas ciências, nas artes e particularmente nas letras. À orientação do labor desses homens, alguns deles vultos fulgurantes da vida portuguesa, têm sido opostas reservas, todos sabemos; mas elas, provenientes sobretudo de exame à forma como serviram os altos valores do espírito, não diminuem o seu valor próprio, nem contribuem para que o estudo da sua influência não prossiga. Os críticos e historiadores, que de igual modo queiram pronunciar-se sobre Rafael Bordalo Pinheiro, não deixarão por isso de o considerar um dos casos notáveis da nossa arte, digno consequentemente de ser apreciado em todos os aspectos, quer artísticos quer de outra índole: questão, aliás, que transcende a finalidade desta evocação e, mesmo em outra oportunidade, estaria deslocada neste lugar; ao enunciá-la, em ligeiro comentário, move-me apenas o propósito de realçar o enorme valor que o Museu representa para a história artística e social de uma época.

Nota de grande interesse e alto significado para os «Amigos de Lisboa» é ter o Dr. António José de Almeida, quando Presidente da República, manifestado a opinião de que conviria mais ser feita ao Estado a doação do Museu; parecer diverso defendeu Cruz Magalhães, escolhendo para o efeito a Câmara Municipal, directa representante da cidade de Lisboa.

Esta sua atitude e outras, que dei a conhecer a V. Ex.<sup>as</sup>, levar-me-iam, se me fosse solicitada uma apreciação sintética da personalidade de Cruz Magalhães, a defini-la nestes termos: *Português de lei, só amou o que era genuinamente português; Lisboaeta de nascimento e coração, elevou a lugar ímbar a sua e nossa nobilíssima Cidade!*



# VELHOS TEMPOS

Carta em que se dá notícia das festas que a Nossa Senhora da Piedade fizeram os duques na sua quinta de Sintra a 10, 11 e 12 de Setembro deste presente ano de 1720.

Escrita pelo Irmão Pedro da Conceição, Ermitão de Nossa Senhora da Penha de França.

*por* A. M. PEREIRA DA GAMA

**P**OR ser já bastante raro este pequeno folheto de onze páginas, pelo interesse que possui e ainda pelo modo como é tratado, resolvi dar conhecimento do seu conteúdo, resumindo ou transcrevendo uma ou outra parte, para não lhe tirar o sabor da época e o entusiasmo com que são narrados certos aspectos das festas pelo Ermitão da Peninha, autor da carta aí reproduzida.

Como este assunto se refere a Sintra, lugar de veraneio de muitos lisboetas, e ainda por a carta ser dirigida para a capital, descrevendo a participação nas festas da corte portuguesa e em presença de El-Rei, achei que não era descabido inserir em OLISIPO tal descrição.

Começa a carta, cuja ortografia actualizei, por:

Caríssimo Irmão

A Paz de Cristo seja convosco, e seu amor arda sempre no vosso coração. Há muito tempo que desejo saber novas da vossa saúde, e ainda que a amizade de tantos anos me persuada a fazê-lo muitas vezes, outras tantas me impede a falta de portadores. Algum havia destes votos, que anualmente costumam visitar esta Ermida da Virgem Senhora Nossa, de que sou indigníssimo Servo e Ermitão, mas se vos hei-de falar verdade, de nenhum deles me fio, porque me parecem homens de muito má correspondência, e porque se me representa que

têm mais curiosidade de abrir as cartas que se lhes dá, do que fidelidade para as entregar. Não vos pareça isto juízo temerário, porque já um me disse, em certa ocasião, que em lhe vindo às mãos carta de Ermitão, logo a procurava abrir, porque tinha ouvido dizer que eram homens que ordinariamente sabiam ler muito mal, e muito pior escrever, e que tinha grande satisfação de ver erros de ortografia, com que particularmente se alegrava, mas que sobretudo o que mais o tentava cair nesta incivildade era o desejo de ver os latins quase macarrônicos, de que usam os Ermitães, paixão que neles é tão certa e tão dominante, como nos leigos das Religiões. Bem sabeis que nunca adoecei deste achaque, e que nunca me tentou o inimigo a falar a língua que não estudei, mas como isto é cousa que eu sei, e o juízo comum entende o contrário, com este receio é que não tenho procurado novas de como tendes passado. Porém, agora que Deus me quis fazer a mercê de me descobrir um Religioso Arrábido, dos que vivem no Conventinho da Pena, que vai para essa Cidade a um negócio do serviço do Senhor, me resolvi a escrever-vos para saber de vós, e para vos dar a notícia das festas com que neste ano se celebrou na minha vizinhança a Senhora da Piedade, para que delas vejais e argumenteis que ainda não esfriou de todo a devoção dos Fiéis.

Esta parte transcrevi textualmente para que fosse notado o receio bastante grande que o pobre ermitão tinha de trocar correspondência, e não se julgasse que fosse exagero meu a descrição de tal caso.

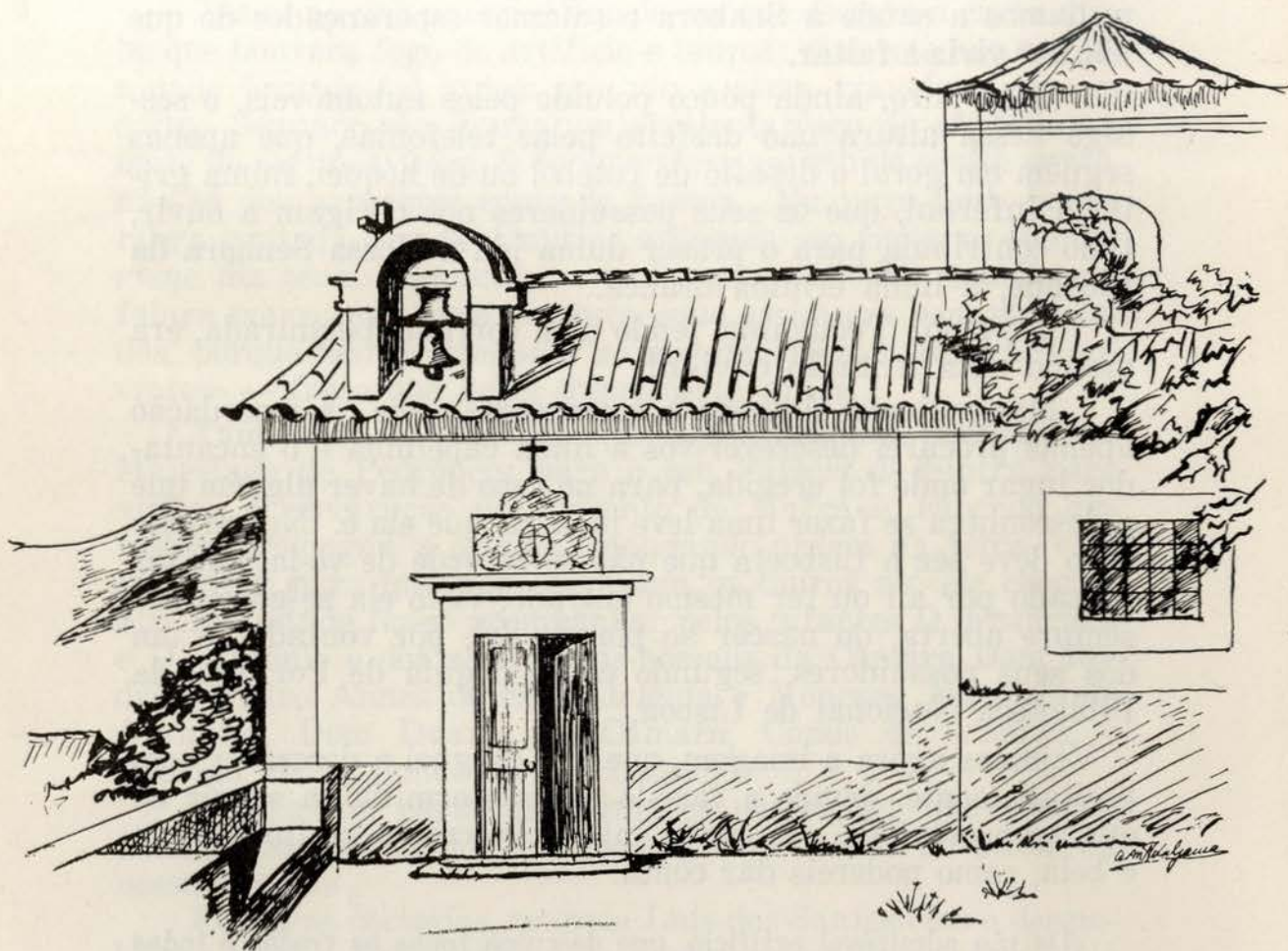
Mas, apesar do máximo cuidado que teve o Irmão Pedro da Conceição para que a carta só fosse conhecida por aquele a quem a dirigiu, foi esta por uma ironia do destino publicada, chegando até nós o seu conteúdo.

«A meia légua de Sintra para a parte de Colares fica a quinta do Duque em cuja Ermida se venera uma imagem da Senhora da Piedade, de que a quinta toma o nome», continua o nosso ermitão.

Realmente, quem não conhece a linda ermidinha que se encontra logo a seguir a Monserrate, passando ao chafariz dos ladrões, e onde ainda há poucos anos lindas tranças de longos cabelos escuros, juntamente com dádivas de cera, estas últimas ainda aí existentes, acusavam os inúmeros pedidos satisfeitos pela Senhora da Piedade? A capelinha, que data do século XV e que foi restaurada em 1721, possui belos azulejos, dum azul intenso, representando na parte superior a paixão de Nosso Senhor Jesus Cristo, os quais valorizam a capela,



cujo tecto é em abóbada artozoada e o altar-mor separado por uma forte grade. A imagem de Nossa Senhora não é grande, mas encerra certa beleza. Pela sua simplicidade e encanto deu-me sempre prazer visitar esta capela, o que desde pequena



fiz. Ir então à Senhora da Piedade era para mim um verdadeiro encanto. Nesse tempo íamos a pé ou de trem, parávamos no largo fronteiro à ermida, à sombra duns grandes plátanos, e aí ficávamos desfrutando uma vista inigualável sobre a serra de Sintra e sobre a várzea até o mar. Em baixo ficava a quinta aonde os limoeiros na época devida se enchiam de belos frutos, que perfumavam o ar, o que ainda hoje pode ser

apreciado. Depois aquela calma e sossego que tínhamos, apenas interrompido pelo canto das avezitas ou da aragem contra os ramos das árvores, que repouso nos trazia às almas!...

Seguia-se a visita à capelinha, um padre-nosso em voz alta, continuado por dez ave-marias e uma glória, nos quais pedíamos a saúde à Senhora e saíamos esperançados de que não nos viria a faltar.

O ar puro, ainda pouco poluído pelos automóveis, o sossego nessa altura não desfeito pelas telefonias, que apenas seguem em geral o desafio de futebol ou de hóquei, numa gritaria infernal, que os seus possuidores nos obrigam a ouvir, tudo contribuía para o prazer duma ida a Nossa Senhora da Piedade, à linda ermida branca.

E o sino! Pequenino, tendo uma corrente pendurada, era mesmo uma tentação ouvi-lo!

Mas voltemos de novo à nossa carta, pois na recordação apenas procurei descrever-vos a linda capelinha e o encantador lugar onde foi eregida, para no caso de haver alguém que a desconheça se fazer uma leve ideia do que ela é. No entanto raro deve ser o Lisboeta que não se recorde de vê-la, por ter passado por ali ou ter mesmo entrado, visto ela se encontrar sempre aberta, do nascer ao pôr do Sol, por vontade de um dos seus possuidores, segundo conta o guia de Portugal da Biblioteca Nacional de Lisboa.

Vejamos agora a imagem, que não cheguei a descrever positivamente, devido a fazê-lo o nosso ermitão, a seguir ao que transcrevi da sua carta, numa descrição muito sentida e bela, como podereis dar conta.

De tão admirável artifício, que desculpa todas as traças e todas as indústrias de que a devoção se valeu para arroubar, está a imagem posta de joelhos, diante do seu Divino Filho defunto, mas de tal modo sentida e magoada, que nas lágrimas, que lhe correm dos olhos, se está vendo a agudeza da dor estampada que lhe penetra o coração. Eu a tenho contemplado muitas vezes, e sempre me causa uma nova admiração, porque realmente parece que chora, e tão vivamente lhe exprimiu o artífice os affectos da dor, que parecem naturais. Não vos digo mais, porque tudo quanto vos posso dizer é menos do que a vista, e só os olhos poderão crer como verdade o que talvez vos poderá parecer encarecimento.

Seguem-se agora outras considerações, que resumo um pouco.

Diz o ermitão que a devoção dos fiéis é grande por esta imagem e muitas as graças que por seu intermédio são obtidas, e que a casa do Duque todos os anos a festeja.

Assim no ano anterior àquele em que escreve a carta soube que houvera fogo de artifício e touros; mas este ano a soleidade fora de tal ordem que viu a serra transformada em corte. Segundo ele, houve um excelente fogo de artifício na noite de segunda-feira, 9 de Setembro, assistindo muita gente, não só dos arredores como de Lisboa. Na terça-feira houve missa cantada com boa música e pregou um caetano, de cujo nome diz ter-se esquecido e, mais, que tendo-lhe notado que falara pouco teve como resposta «que assim era bom para todos, porque nem o Pregador se matava, nem matava aos ouvintes» — frase que achei duma certa graça.

Também nos conta de que nessa semana partira Sua Majestade de Pedrouços para o seu Palácio de Sintra para visitar a construção do convento de Mafra e, sabendo das festas, prolongou a estadia, mandando ordem na terça-feira ao jantar para que não corressem os touros até ele chegar. Sua Majestade fez-se acompanhar pelos infantes D. Francisco e D. António e dos seus gentis-homens da Câmara Dom Rodrigo Pedro Annes de Saa Almeida e Menezes, Marquês de Abrantes, Dom Duarte da Câmara, Conde de Aveiras, e Rodrigo Mello, Conde de São Lourenço.

Seguem na carta as seguintes descrições, que resumo ainda, mas aproveitando o modo de as narrar do autor da nossa missiva.

Feitas as cortesias, toureou Luís dos Santos com o desembaraço, que o fizera conhecido nesse arriscado exercício. No fim da corrida os duques agradeceram a Sua Majestade a honra da visita, tendo o monarca regressado a Sintra, acompanhado de Suas Altezas e dos gentis-homens da Câmara. Também a cavalo o acompanhou o Duque D. Nuno, mostrando que o não impediam os seus oitenta e dois anos de servir ainda o rei.

Na quarta-feira voltou Sua Majestade com o Infante D. António a casa do Duque, chegando pouco depois o Duque

Dom Jaime, Estribeiro-mor de Sua Majestade, Manuel Telles da Silva, Conde de Vilar Maior, e em seguida D. Luís de Ataíde, Conde de Atouguia, Francisco de Távora, Conde de São João, Dom Manuel Mascarenhas, Conde de Óbidos, Dom Joaquim Francisco de Saa e Menezes, Conde de Penaguião, António Luís de Távora, irmão do Conde de Alvor, e Fernão Telles da Silva, filho do Conde de Vilar Maior, os quais se dividiram em duas filas e, segundo o ermitão, fizeram muitas e diferentes voltas, com tanta destreza e agilidade, que mais parecia que se cansava a vista do que a ligeireza dos cavalos em que corriam. Após, houve contoadas, o que entusiasmou o nosso autor, como tudo o mais a que assistiu.

E não é para estranhar tanta admiração, se considerarmos que a muito poucas festas deve ter assistido, vivendo em sítio tão ermo como era a Ermida da Peninha, e ainda pela grande habilidade com que se entregavam os nobres daquele tempo aos variados exercícios, que lhe foi dado presenciar.

Assim continua ele a respeito das contoadas:

Algumas houve tão excelentemente jogadas, que parecia impossível afrontarem-se os golpes com tanta certeza na arrebatadora correria dum cavalo. Depois se seguiram as alcanzias, que se jogaram sem dano, porque era tão pronta a destreza dos cavaleiros que sabia reparar com as adargas os tiros fingidamente contrários.

Por fim terminaram estes jogos com as carreiras de dois em dois, que levando as espadas nuas e cruzadas iam velozmente correndo até à janela, em que estava Sua Majestade e, repetindo isto várias vezes, se despediram da praça, voltando Sua Majestade de novo para Sintra, acompanhado do Duque D. Nuno.

De noite houve novamente um excelente fogo de artifício com muitos foguetes e invenções. Na quinta-feira começou mais cedo de manhã a festa da igreja, pois Sua Majestade passaria a tarde em Mafra. A missa a Nossa Senhora foi cantada e oficiada pelos Padres Capuchinhos, pregando com agrado um religioso, Frei António.

Antes da uma hora, apareceu a uma janela Sua Majestade, acompanhada dos Senhores Infantes D. Francisco e D. António e dos mesmos gentis-homens da Câmara, e seguiu-

-se nova tourada, sendo o touro toureado a cavalo pelo Duque D. Jaime, servindo-lhe de tenente e capitão de guarda, respectivamente, Fernão Telles da Silva e Francisco de Távora, Conde de São João, ambos seus sobrinhos. D. Jaime vinha vestido à castelhana, sendo dada pelo ermitão com bastante pormenor a descrição do fato e a maneira elegante e brava como soube distinguir-se.

E com esta corrida, que foi muito aplaudida por Suas Majestades e Altezas, como também pelos nobres e povo, terminaram naquele ano as festas de Nossa Senhora da Piedade.

Mas na carta de Frei Pedro da Conceição nota-se que o isolamento a que está sujeito é agitado por este movimento todo, e aproveita ter presenciado as festas para escrever uma carta, que para ele é de grande interesse, pela recordação fantástica com que ficou, e também pelos novos conhecimentos que adquiriu e o espantaram.

Segue-se então a explicação por que o Rei visitava a casa do Duque. A este respeito diz ele que não sabendo nada das políticas do mundo (pois não é cortesão) se pôs a louvar a benignidade do Rei por visitar a casa do Duque, semelhantemente como noutros tempos fizeram os reis para mostrar o seu favor àqueles que por eles eram visitados e, que tendo dito isto, riram dele, ermitão, pela ignorância que mostrava, como habitante dos penhascos e portanto desconhecedor dos estilos da corte. E que em resposta aos seus juízos lhe disseram então que eram actualmente os reis de tal forma venerados que mais pareciam deuses, mas que toda a regra tem excepção e essa era a casa do Duque, porque em todo o tempo fora o vassalo mais distinto, não só pela sua ascendência masculina ser a mesma da da Casa Real de Bragança, separada para a Casa Cadaval na pessoa do Senhor Dom Álvaro de Portugal, mas pela aliança que contraíra com a mesma Real Casa no casamento de Francisco de Mello, Marquês de Ferreira, bisavô do Duque Dom Nuno, com a Senhora Dona Eugénia de Bragança, filha do Senhor D. Jaime, quarto duque de Bragança, primo direito de El-rei D. Manuel, e que ficou declarado sucessor da Coroa de Portugal, e pela aliança da Senhora Dona Luísa, filha do Rei Dom Pedro II, que, viúva do Duque D. Luís, casara com o Duque D. Jaime. Daí as intimidades

dos Príncipes de Bragança com a casa do Duque, o que explica ter ido D. João IV dar os pêsames à Marquesa D. Joana Pimentel, quando do falecimento do Marquês de Ferreira, D. Francisco de Mello, pai e avô dos Duques, e outras mais visitas, entre as quais aponta a de D. João V, quando da doença do Duque Dom Nuno, após ter feito oração a Santo António, em 13 de Junho de 1716, tendo sido acompanhado nessa altura pelo seu Estribeiro-mor, o Duque D. Jaime e o seu gentil-homem da Câmara, o Marquês de Minas, D. João de Sousa.

O Irmão Pedro da Conceição descreve ainda o encontro do Rei D. João V com o duque enfermo, e ainda outro a que ele próprio assistiu e que diz ter contado como retribuição àqueles que lhe descreveram tais coisas.

Essa visita foi a do Juiz e Escrivão do Povo que, em nome de todo o povo de Lisboa, fora sentir a doença e desejar as melhoras do duque, e dizer que ele, assim como esse povo, lhe tinham mandado fazer muitas orações e muitas penitências, pela sua saúde, pelo muito interesse que lhe dedicavam.

E aqui terminam as descrições referentes àqueles inescrutáveis dias, dizendo que já era noite quando, após ter rezado a Nossa Senhora da Piedade, regressou das festas arriado ao seu bordão para a sua solidão amada.

E é após ter-se referido a todas as solenidades destas festas (que temos vindo acompanhando) que dá o motivo por que as conta na sua carta, o qual é devido a estas redundarem em glória de Deus e de sua Mãe Santíssima, acrescentando que, de certo modo, já deviam ser estes acontecimentos conhecidos pelo Irmão Brás da Amargura pelas gazetas da Cidade, mas decerto não tão pormenorizadas como as novas que nelas vêm da Moscóvia. Suécia, do sítio de Stralfund, e do diário da conquista da Sicília. Pede então a Frei Brás da Amargura a sua encomendação a Deus por ser grande pecador e necessitar por isso de muitas das suas orações, que ele por sua parte lhe fará o mesmo. E termina com:

Escrita na Peninha a 18 de Setembro de 1720

Vosso em o Senhor

O Irmão Pedro da Conceição

Esta carta, que não transcrevi integralmente, mas a que procurei cingir-me o mais possível, resumindo por vezes um pouco, apresenta a feição muito própria das cartas de então. Uma minúcia na pormenorização dos menores factos, uma vontade firme de não esquecer qualquer destes, junto ainda ao verdadeiro prazer daquele que assistiu a tais festas e não pode esquecer jamais o que viu, ouviu e contou.

Foi este facto que me levou a procurar manter não só a sequência mas também o modo como é tratado o assunto, transcrevendo algumas frases e até parágrafos integralmente.

É de notar que a carta foi escrita seis dias após o terminar das festas, o que explica o entusiasmo com que foram narrados tais factos, visto Frei Pedro da Conceição se encontrar ainda sob o domínio das impressões tão plenamente vividas.

Quanto ao exemplar que me chegou às mãos e que possuo não é datado; mas deve ser bastante antigo, não só pelo aspecto do papel, como pelo modo de impressão e escrita. Deve talvez mesmo ser uma primeira e única edição proveniente do século XVIII.

Mas essa mesma não teríamos o prazer de apreciar se não fosse aquela incivildade de que tinha receio o nosso ermitão, e sem ela talvez também não tivéssemos um conhecimento tão pormenorizado das festas que então se celebraram a Nossa Senhora da Piedade e que foram realizadas em Sintra a 10, 11 e 12 de Setembro de 1720, na Capela do mesmo nome e que ainda hoje é pertença da Casa Cadaval.



## ALBERGUE DOS INVÁLIDOS DO TRABALHO

Não podem os «Amigos de Lisboa» deixar passar este acontecimento sem uma referência especial.

Já em 13 de Fevereiro de 1944, a propósito de uma visita de estudo a esta instituição de caridade, o signatário fez a história resumida da fundação e vida do Albergue, em discurso que pronunciou no Salão Nobre do mesmo, ao acompanhar os visitantes.

Não admira que fosse o signatário a dirigir a visita, porquanto era já membro da Junta Directiva e, desde 1923, médico do Albergue. Efeméride curiosa: à data da fundação era médico do Albergue um doutorado em medicina, o Doutor Joaquim Eleutério Gaspar Gomes, que era simultaneamente dirigente da douta Sociedade das Ciências Médicas de Lisboa e, como seu representante, fez parte da comissão instaladora do Albergue e da sua primeira direcção. Hoje o actual director clínico tem também o mesmo grau académico e é também director da mesma douta Sociedade.

Os «Amigos de Lisboa», ao debruçarem-se sobre o acontecimento, recordam que o fundador do Albergue foi o architecto Joaquim Possidónio Narciso da Silva, que quase na mesma altura fundou a Associação dos Architectos Civis Portugueses, antecessora da actual Associação dos Arqueólogos Portugueses.

Possidónio da Silva, nascido em Lisboa, deixou larga obra na cidade e no País e teve larga influência na cultura e desen-



volvimento dos estudos arqueológicos, na sua época. Foi realizador, professor e escritor sobre arte, arqueologia e história e bem merece todas as homenagens que lhe sejam prestadas, como mereceu as que em vida recebeu.



Sessão presidida pelo venerando Chefe do Estado no Albergue dos Inválidos do Trabalho. À direita encontra-se o Secretário-Geral dos «Amigos de Lisboa», Doutor Eduardo Neves

Ao assistirmos à condecoração do Albergue com a Ordem da Benemerência, no dia do seu centenário, pelo venerando Chefe do Estado, pensámos no júbilo que o fundador sentiria, se fosse possível saber da justa homenagem, que foi a consagração da sua obra tão querida.

*E. N.*

«Amigos de Lisboa» foram convidados para as festas comemorativas do centenário do Albergue dos Inválidos do Trabalho e nelas se fizeram representar pelo seu Director Secretário-Geral.

NÓTULA SOBRE A  
FÁBRICA DE LOUÇA DE ALCÂNTARA

A propósito do interessante artigo «A Fábrica de Louça de Alcântara», que o velho condiscípulo, colega, amigo e consócio Doutor Gilberto Monteiro publicou no último OLISIPO, recebi uma amável e interessante carta do nosso consócio Sr. Eng. Silvicultor D. Segismundo Câmara de Saldanha, actual e ilustre vereador da Ex.<sup>ma</sup> Câmara Municipal de Lisboa, que em certo passo diz:

Quando, há mais de vinte anos, fui nomeado Administrador da Tapada Nacional de Mafra, ficou entregue à minha guarda um serviço completo, e em bom estado, de louça de Alcântara, composto por centenas de peças: pratos, terrinas, fruteiras, azeitoneiras, chávenas, canecas, etc., etc.

É de louça branca, com desenhos a castanho, e tem, como ornamentação, um dragão com escudo de armas reais, e a reprodução dum chalé de caça existente no Celebredo — Tapada de Mafra.

Refiz as obras deste pequeno modesto edifício, servindo-me de modelo o desenho a que me refiro.

A marca desta louça é a seguinte:

*Fabrica de Alcantara*  
*Faianças Finas*  
*L. & C.<sup>a</sup>*  
*LISBOA*

Junto umas más fotografias de peças do serviço.

As *más* fotografias que o Sr. Eng. D. Segismundo de Saldanha envia, oferecendo-as ao Grupo, são aliás magníficas fotografias, quase quadros, de que duas se reproduzem neste número.



O pavilhão funciona ainda actualmente para serviço do Chefe do Estado e altas personagens que vão a Mafra. Parece ter sido construção mandada fazer por S. M. o Senhor Dom Carlos e é de assinalar que uma pequena árvore, que aparece numa conhecida fotografia de S. M. (dois guardas florestais e um cavalo) é hoje uma das maiores árvores da mata. Tudo o que rememora o Senhor Engenheiro na sua carta, disse e mostrou, quando amavelmente recebeu e dirigiu a visita cultural dos «Amigos de Lisboa», em 20 de Julho de 1952, à Tapada de Mafra, que já então, e ainda hoje, graças a Deus, dirigia com tanto amor e acerto de técnico competente e apaixonado.

Já disse na nota, que escrevi para o artigo do colega Doutor Gilberto Monteiro, que a Fábrica de Alcântara (produtora, por via de regra, de louça popular) trabalhou também



e várias vezes para os Paços Reais, como se prova com este serviço que aqui se descreveu e com a peça que possui e pertenceu a outro serviço real.

Ao Senhor Engenheiro, OLISIPO muito agradece o seu interesse e útil colaboração, que se oferece aos apaixonados por estas velharias, nesta especialidade.

E. N.



# LISBOA

Aos «Amigos de Lisboa»

Lisboa! Ó minha cidade,  
— por lindo castelo coroada!  
De feitos de validade  
a tua História é povoada!

Tens a eterna mocidade,  
Sendo de idade avançada!...  
Como és bela — na verdade —  
Ó Cidade Bem-Amada!

Ei nos teus bairros, Lisboa,  
desde a Estrela à Madragoa,  
de Benfica ao Lumiar,

Neste mês dos teus três Santos,  
redobras os teus encantos...  
...Outra não há a igualar!...

Lisboa, 19 de Junho de 1964.

CHRISTINA BÉRENS FREIRE

D. Christina Bérens Freire, lisboeta de nascimento, é uma recente sócia do nosso Grupo e uma consagrada poetisa, que vem hoje ao OLISIPO trazer uma primícia olisiponense da sua inspiração.

Tem larga colaboração na Imprensa e é autora dos volumes *Rimas que não rasguei*, Natal de 1957 (Sonetos), *Rosário dos meus cuidados*, Natal de 1958, *Tentando voar mais alto*, Natal de 1960 (Sonetos), *O Tempo vai passando*, 1963 (Sonetos), e, no prelo, *No trilho da Saudade e Romaria*, a sair este ano.

# ACTIVIDADE CULTURAL

*do segundo trimestre de 1964*

COMEÇOU a actividade cultural do segundo trimestre de 1964 por uma visita de estudo à nova Igreja de Nossa Senhora Auxiliadora, anexa às Oficinas de S. José. A visita realizou-se em 19 de Abril e os visitantes foram recebidos pelo reverendo Padre Lino Ferreira, director das Oficinas. A 30, na sede, realizou-se um serão de arte, que incluiu uma conferência pelo director do Grupo Sr. Eng. Júlio Eduardo dos Santos, com projecções sobre motivos afins e declamação de poesias e obras olisiponenses (da autoria dos evocados e da declamadora) pela poetisa Laura de Aviz. O assunto foi a evocação de dois escritores lisboetas, Cruz Magalhães e Cardoso Gonçalves, no centenário dos seus nascimentos. Esta realização trouxe à nossa sede grande número de pessoas, e o texto da conferência é publicado neste número.

Em 4 de Maio realizou-se na sede a posse dos novos corpos gerentes, tendo usado da palavra o presidente da Assembleia-Geral professor Doutor Raul de Carvalho, o director Secretário-Geral Doutor Eduardo Augusto da Silva Neves e, em nome dos novos eleitos, o Prof. Armando de Lucena e o Dr. Couto Santos. A 14 do mesmo mês realizou-se a 48.<sup>a</sup> sessão de *Colóquios Olisiponenses*, ocupada por uma palestra do consócio Sr. Nuno Catarino Cardoso, que versou o tema «Lisboa Monumental e Artística». A 31 realizou-se

a visita ao Palácio dos Marqueses de Ponte de Lima, no Largo da Rosa, visita que foi dirigida por um dos seus proprietários o Sr. Dr. D. Francisco Vasconcelos e Sousa, que amavelmente acolheu os visitantes e referiu a história do notável imóvel.

Em 7 de Junho deslocaram-se os «Amigos de Lisboa» à Casa do Gaiato, em Santo Antão do Tojal. Dirigiu a visita o Sr. Padre Carlos (Eng. Carlos Galamba), que historiou a fundação da obra e acompanhou os numerosos visitantes às várias dependências da igreja, palácio e quinta; no exterior os visitantes admiraram o monumental chafariz e as oficinas da Casa do Gaiato.



Visita ao Palácio da Rosa

No dia de Santo António à tarde, na sede, abriu uma notável exposição de cerca de mil medalhas, do Sr. Arménio da Cunha Mendonça. Este importante certame incluiu medalhas, condecorações e insígnias, alusivas aos mais variados assuntos da vida nacional, particularmente de Lisboa, exibindo-se em vitrina pessoal uma série de medalhas antonianas. Esta exposição trouxe ao Grupo numerosas



individualidades em destaque no nosso meio social, e inúmeros colecionadores e artistas. Encerrou-se no fim do mês. Em 18 realizou-se na sede uma conferência com projecções da nossa consócia Ex.<sup>ma</sup> Sr.<sup>a</sup> D. Maria de Cabedo Cardoso sobre o tema «Uma página de Lisboa religiosa (A Igreja do Convento de S. Domingos de Benfica)». O último número da actividade cultural do trimestre foi a visita às obras de Santa Engrácia, realizada a 21 de Junho, com larga concorrência de associados e dirigida pelo Sr. Arq. Vaz Martins, director dos Monumentos Nacionais, que amavelmente acompanhou os visitantes, tendo mostrado a maquete do monumental edificio a construir para Panteão Nacional. Ficará sendo um dos mais notáveis edificios citadinos. A sua conclusão levará cerca de 8 anos.

E. N.



## ALFACINHAS

*Os Lisboetas do Passado e do Presente*

Plano e Ilustrações de ALBERTO SOUZA

Direcção Literária de ARTUR INÊS

208 páginas, cerca de 200 estampas sendo 50 a cores

Publicação em 12 fascículos mensais de Esc. 50\$00

Tiragem especial de 300 exemplares a » 100\$00

Pedidos a MANUEL PEREIRA DE SOUZA

Rep. da COMPANHIA AGUILAR EDITORA – Rua Padre Francisco, 26-B – LISBOA-3

ou ao Grupo AMIGOS DE LISBOA

# OFERTAS

Do sócio n.º 1886, Doutor Gilberto Diocleciano Cardoso Monteiro:

Vários registos de santos com culto lisiponense, e vários cartões com emblemas de grupos desportivos lisiponenses.

Do sócio n.º 3379, Eng. Silvicultor D. Segismundo do Carmo da Câmara de Saldanha:

Seis magníficas fotografias do serviço de louça da Fábrica de Alcântara, do Pavilhão Real do Celebredo, na Tapada de Mafra.

Do sócio n.º 2681, Comandante Jayme do Inso:

Quatro exemplares do nosso OLISIPO.



Da Livraria Morais, Editora, de Lisboa, recebemos um officio com interesse para os nossos Consócios, pois nele se informa de que lhes serão concedidos descontos nos preços de certos livros.



# Feira da Ladra



## FICHEIRO

### 12. Liga Pró-Moral

Um grupo de funcionários da benemérita Sociedade A Voz do Operário, certamente entusiasmados pela grandeza da obra de que eram dedicados cooperadores, fundaram em 28 de Março de 1917, a Liga Pró-Moral, cuja finalidade seria a protecção à infância.

Dos seus pioneiros é-nos grato recordar dois nomes: Januário Augusto de Paula — que foi um dos primeiros sócios do Grupo «Amigos de Lisboa» — e José Fernandes Alves, operário gráfico e jornalista, o qual numa Assembleia Geral de A Voz do Operário apresentou uma proposta, visando solicitar-se do Governo a concessão de terreno para a construção da sede social da colectividade, a qual veio a originar o decreto da concessão de uma parcela de terreno da cerca do antigo Convento das Mónicas, devido ao Conselheiro João Franco, e que foi assinado pelo Rei D. Carlos, decreto que, dados os acontecimentos que impossibilitaram a posse, foi revalidado pelo Governo seguinte, da presidência do Almirante Ferreira do Amaral.

A Liga tem uma obra de vinculado interesse cultural, evidenciado nas festas que promove para a obtenção de receitas necessárias à sua acção beneficente.

Nesta simpática colectividade os sócios têm apenas um direito: o de indicarem uma criança para beneficiar da acção colectiva. Anualmente assiste a algumas dezenas de crianças, vestindo-as e calçando-as, fornecendo-lhes ainda almoço e brinquedos, assim proporcionando um pouco de alegria e conforto, que ilumina aquelas almas juvenis.

### 13. Lusitano Clube

José Dias Pisão Júnior, Manuel Marques Coelho, José Gonçalves e outros fundaram, em 1 de Dezembro de 1905, o Lusitano Clube, instalado na Rua de S. João da Praça, próximo da Sé e a caminho da típica Alfama.

Além do ensino da Música, da Dança, da Ginástica e da Esgrima, o teatro figura desde a fundação do clube entre as suas finalidades culturais, embora hoje o Lusitano seja apenas um centro de convívio de uma escassa população associativa, mantendo ainda o seu grupo cénico.

Durante alguns anos mantiveram a publicação de um bem elaborado boletim, repositório de uma acção que foi famosa.

Possui o Clube uma biblioteca, constituída por algumas centenas de boas obras, proporcionadas aos sócios para leitura domiciliária.

#### 14. *Sociedade da Matinha*

Uma das colectividades ainda existentes, cujas raízes mergulham fundo na Lisboa de outrora, é, sem sombra de dúvida, a Sociedade da Matinha.

Estando no auge a prática do *jogo da malha*, um grupo de rapazes da fina flor alfacinha foi até *fora de portas* para aproveitar as suas horas de ócio.

Numa pequena locanda em Cabo Ruivo houve nessa tarde suculenta almoçada, seguindo-se uma *partida do jogo*, em terreno anexo.

Aquela tarde entusiasmou-os e nos domingos seguintes foram percorrendo outras locandas, até que se fixaram numa existente na Matinha, cujo proprietário os soube cativar.

O convívio foi-se mantendo mas um dia surgiu uma contrariedade que levou à sugestão de se criar uma colectividade e, ao cabo de algumas reuniões, surgiu a Sociedade da Matinha, evocação saudosa do local onde haviam passado belas tardes. Logo nos primeiros dias aglutinou cerca de 25 sócios.

À falta de melhor, a sua primeira sede foi num tosco barracão, que foi palheiro e arrecadação de alfaias agrícolas, no Alto da Rotunda, onde mais tarde veio a construir-se um quartel.

Os primeiros directores foram Sebastião José da Silva, Pedro Augusto da Silva e Mateus Olegário Costa e Sousa, tendo como colaboradores outros sócios, no número dos quais alguns se contavam que chegaram a pares do Reino.

Entusiasmados pelo ideia, todos concorreram para transformar o barracão em agradável sede, onde aos domingos, munidos dos seus farnéis, compareciam para confraternizar.

A fama criada aumentou a população associativa, o que originou a necessidade de sede mais ampla, então encontrada

num primeiro andar da Rua do Salitre, casa que dispunha de grande quintal, necessário à prática do passatempo favorito: o chinquillo.

Decorria o ano de 1874 e a mudança da sede deu origem a novo desenvolvimento, encontrando-se entre os seus sócios, comerciantes, industriais, jornalistas, escritores, gente de teatro e alguns vultos da vida política.

Uma dúzia de anos mais tarde e por pedido feito ao Marquês de Castelo Melhor, a Sociedade instalou-se numa dependência do Palácio Foz, onde hoje está a Inspeção dos Espectáculos, sabendo-se que um dos sócios que maior interferência teve no assunto foi Rosa Araújo, grande Amigo de Lisboa a quem se deve a nossa Avenida da Liberdade, e a quem, no plano das conquistas sociais, os trabalhadores também tanto ficaram devendo.

Nesta terceira sede — aquela em que a Colectividade atingiu o apogeu — criaram-se novas modalidades recreativas e um restaurante privativo.

Quando o Palácio Foz foi comprado pelo Estado, a Sociedade da Matinha instalou-se em dependências da velha residência do Intendente da Polícia que foi Diogo Inácio de Pina Manique — no largo do mesmo nome — quarta sede, onde ainda se encontra.

Com algumas centenas de sócios e uma situação económica difícil, a Sociedade, que em 10 de Junho último completou 97 anos de existência, ainda realiza obra digna de um passado: jogos lícitos, biblioteca e festas que concorrem para a confraternização dos sócios e familiares, mantendo um grupo de teatro em que os actuais dirigentes põem as melhores esperanças.

*Zacarias da Silva*

## Colecções

A colecção sem atingir a mania é apenas uma actividade inofensiva que dá aos coleccionadores um pequeno prazer espiritual permanente, uma preocupação doce para os fazer viver, desejando, procurando e achando qualquer coisa em que o valor monetário está secundariamente colocado. A ocupação de procurar e o prazer de achar, de possuir um objecto que outros não possuem, e na primeira oportunidade expor a sua colecção, ver que outros coleccionadores apresentam colecções mais belas e mais valiosas — todo este jogo psicológico é a paixão jamais satisfeita do coleccionador.

Procurar qualquer coisa, encontrá-la e com todo o seu saber verificar que é autêntica, é o primeiro passo do coleccionador. Mostrá-la aos confrades e gozar neles o despeito por não possuírem exemplar análogo ou melhor, é outro prazer do coleccionar. Escondê-la de todos, cioso de que os olhos doutrem a consumam ou recear a verdade que lhe diga que a espécie adquirida é falsa, é sofrimento que é prazer.

Nesta actividade mental é indispensável não se deixar escorregar através do sentimento para o estado mórbido que é já a mania.

Desde os selos aos leques antigos, das moedas às sombrinhas das nossas bisavós, das garrafinhas miniaturais de licores ou vinhos finos, das xícaras pequeninas para café em finas porcelanas, dos relógios e relóginhos, bengalas, lâminas de barbear, instrumentos musicais às armas e aos automóveis-brinquedos; dos livros e gravuras, dos números primeiros de jornais aos ex-líbris, dos rótulos de caixas de fósforos e etiquetas de hotel, postais e tudo que um pensamento ansioso de originalidade pode imaginar, tudo se coleciona. No reino vegetal como no

reino animal há quem reúna em colecção plantas ou sementes, flores e destas só as exóticas. Dos animais são as aves que têm a maioria dos amadores e coleccionadores; depois são os cães e os gatos; os cavalos são os objectivos heráldicos dos coleccionadores, eles próprios já seleccionados pelas «bolsas». Outros ainda



dos privilegiados pela graça do dinheiro juntam quadros de pintores célebres ou simplesmente diamantes, pérolas, rubis e quejandas maravilhas.

Tudo serve para o nosso semelhante cevar as suas reservas psicológicas, onde as tendências para a paixão estão latentes e a colecção é a derivante mais inofensiva. A utilidade das colecções é manifesta, já por ocupar o homem na sua cultura, histórica ou científica, já por afastá-lo de distrações nocivas, dan-

do-lhe ensejo a cultivar a amizade e as relações de camaradagem sem olhar a nacionalidades, visto que a «doença» é universal. A utilidade das colecções é ainda materializar conhecimentos e conduzir às descobertas de novas espécies ou à correcção de assertos cientificamente afirmados pelas Universidades e pelas



Academias. Quantas vezes os museus particulares e escolares, dirigidos por apaixonados coleccionadores, socorrem com as suas descobertas e provam com os seus exemplares o que a ciência ainda não esclareceu ou pelo menos não oficializou.

Para os «Amigos de Lisboa», a existência de um pequeno museu das suas colecções, só com objectos e documentos lisboenses, convenientemente catalogados, a par duma biblioteca especializada, tudo acompanhado do interesse dos sócios, colaborando pelo estudo e pelas ofertas de espécies — seria o complemento da obra já feita e que só por isso justifica a sua criação.

I) Na «Feira da Ladra» de hoje, inicia-se uma colecção com objectos já oferecidos ao Grupo para que outros amigos continuem. São gravuras e lito-

grafias de santos, *mas santos das igrejas de Lisboa*, venerados em Lisboa, oragos ou simplesmente patronos das freguesias, das ermidas ou capelas lisboetas, com história mais ou menos antiga ligada aos nossos antepassados lisboetas por nascimento ou adopção.

O nosso Grupo começa por arquivar: Senhora da Saúde, Senhor dos Passos da Graça, São Gens, São Julião e S.<sup>ta</sup> Basílica, S. Martinho, N. S.<sup>a</sup> do Restelo, S.<sup>ta</sup> Maria Madalena, S.<sup>ta</sup> Rita de Cassia, S.<sup>ta</sup> Eufrásia, N. S.<sup>a</sup> do Monte, N. S.<sup>a</sup> da Conceição (de Santos-o-Velho), N. S.<sup>a</sup> da Conceição (do Desterro), uma relíquia, a mão da Madre S.<sup>ta</sup> Teresa de Jesus (S.<sup>to</sup> Alberto); quatro imagens de Santo Amaro, sendo uma gravura de madeira, um antigo registo dos que hoje raramente aparecem.

São, pois, 18 as imagens de santos de Lisboa com que vai iniciar-se a colecção. Creio que é um bom princípio de vida.



II) Outra colecção a fazer. Esta é reservada aos jovens. Está com a actualidade: designação de agremiações desportivas, que *no seu nome têm a palavra «Lisboa»*.

Para iniciar, desde já são pertença do Grupo os seguintes documentos, alguns mesmo rudimentares, tais como um envelope timbrado, uma cota, etc.:

Clube Naval de Lisboa  
Sport Lisboa e Benfica  
Associação Naval de Lisboa  
Lisboa Ginásio Clube  
Clube Oriental de Lisboa  
Associação de Basquete de Lisboa

Associação de Futebol de Lisboa  
Sport Lisboa e Lapa  
Sport Lisboa e Olivais  
Clube de Aerodelismo de Lisboa  
Clube de Ténis de Lisboa

São por agora 11. Haverá mais? Nos apresentados, Lisboa dá-lhes a marca regionalista. Esta marca faz-lhes perdoar a incorrecção linguística, de resto apanágio da linguagem desportiva, talvez por íntimo contacto com estrangeiros.

*Gilberto Monteiro*



## Sócios admitidos no 1.º semestre de 1964

- 3 472 — António Emídio Ferreira de Mesquita da Silva Capucho —  
*Proprietário.*
- 3 473 — D. Ana Maria Nunes Ferreira — *Correspondente.*
- 3 474 — Fernando Manuel Lopes Ramos — *Empregado de seguros.*
- 3 475 — Mário Gonçalves Costa — *Empregado de escritório.*
- 3 476 — Dr. Miguel Gentil Quina — *Licenciado em Direito e Director-  
-Geral do Banco Borges & Irmão.*
- 3 477 — Guilherme Augusto Roussado dos Santos Plantier Martins —  
*Funcionário na Previdência Social.*
- 3 478 — José Lopes de Almeida (Vila Boa) — *Pintor de Arte.*
- 3 479 — D. Laura da Luz Silva Soares — *Doméstica.*
- 3 480 — José Augusto Lourenço Branco — *Contabilista.*
- 3 481 — José dos Santos de Sousa Gonçalves — *Proprietário.*
- 3 482 — D. Constança Maria de Lourdes Rebello de Andrade.
- 3 483 — António Carlos Teixeira Valladas — *Administrador comercial.*
- 3 484 — Dr. António Pedro Pinto de Ruela Ramos — *Advogado.*
- 3 485 — Dr. Joaquim Romão Duarte — *Reitor do Liceu Gil Vicente.*
- 3 486 — D. Alzira Tavares Costa de Carvalho — *Doméstica.*
- 3 487 — António Manuel Pedro de Oliveira Matos — *Comerciante.*
- 3 488 — Serafim Maria Julião — *Empregado no comércio.*
- 3 489 — Francisco Ferreira — *Funcionário corporativo.*
- 3 490 — D. Orlanda Brito das Neves — *Chefe de Secção da Direcção-  
-Geral dos Serviços Hidráulicos.*
- 3 491 — Dr. João Caetano de Abrunhosa — *Industrial.*
- 3 492 — D. Cristina Bérens Freire — *Poetisa.*
- 3 493 — António Testa — *Mecânico em madeira.*



# LIVROS

## EDIÇÕES DO GRUPO E DOS SÓCIOS



### VARIA

	PREÇOS	
	Sócios	Público
* Evocação do Café Martinho ... .. .	esgotado	
* Noite de evocação do Leão de Ouro ... .. .	13\$50	15\$00
* Urbanização de Lisboa ... .. .	4\$50	5\$00
* Lisboa de ontem e de hoje do Sr. Rocha Martins ... .. .	esgotado	
* Olisipo (estão esgotados os números 1, 2, 8, 9, 10, 11, 14, 15, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 24, 27, 34 e 43)... cada, dos que existem,	18\$00	20\$00
* Evocação do Café-Restaurante Tavares ... .. .	esgotado	
* Jantar de Confraternização na Casa do Leão ... .. .	»	
* A cor de Lisboa ... .. .	13\$50	15\$00

### ENG. A. VIEIRA DA SILVA

* O Castelo de S. Jorge ... .. .	13\$50	15\$00
* A Ponte de Alcântara ... .. .	13\$50	15\$00
* Os Paços dos Duques de Bragança em Lisboa ... .. .	esgotado	
* Fantasias sobre a origem do nome de Lisboa ... .. .	13\$50	15\$00

### DR. ALFREDO DA CUNHA

* Olisipo berço do periodismo português ... .. .	13\$50	15\$00
--	--------	--------

### ALFREDO FERREIRA DO NASCIMENTO

Algumas achegas para a História da Defesa de Lisboa ... .. .	13\$50	15\$00
Os Banhos da Rocha do Conde de Óbidos ... .. .	13\$50	15\$00
O Quartel de Campolide ... .. .	13\$50	15\$00
O Quartel do Regimento do Conde de Lippe ... .. .	esgotado	
A Torre do Bugio ... .. .	18\$00	20\$00

### DR. AMADEU FERREIRA DE ALMEIDA

Dicionário Excêntrico ... .. .	36\$00	40\$00
--------------------------------	--------	--------

### DR. ANTÓNIO DE QUADROS FERRO

O Enigma de Lisboa ... .. .	7\$00	7\$50
-----------------------------	-------	-------

### ANTÓNIO RIBEIRO DA SILVA E SOUSA

* A Igreja e o Sítio de Santo Estêvão ... .. .	13\$50	15\$00
* O Campo de Santa Clara ... .. .	13\$50	15\$00
* Ronda e Silva de Lisboa Velha ... .. .	9\$00	10\$00
* Bagatelas de tempo vário ... .. .	9\$00	10\$00

### DOCTOR EDUARDO NEVES

Uma recordação sebástica no Sítio da Luz ... .. .	esgotado	
Um arcebispo Primaz ... .. .	»	
João Alberto Pereira de Azevedo Neves ... .. .	»	
Um desenho à pena da autoria de Júlio de Castilho ... .. .	»	

\* Edição do Grupo.

**DOUTOR EDUARDO NEVES**

	PREÇOS	
	Sócios	Público
* Ruínas do Carmo ... ..	esgotado	
* Igreja da Penha de França ... ..	»	
* Faculdade de Medicina ... ..	»	
Lisboa nos Ex-Líbris ... ..	»	
Lisboa na Numismática e na Medalhística ... ..	»	
O Convento dos Barbadinhos Italianos ... ..	»	
Do Sítio do Intendente ... ..	»	
Lisboetas na Índia e Luso-Indianos em Lisboa ... ..	»	
Alocuções ... ..	»	
* Homenagem a Matos Sequeira... ..	»	
Dos selos pendentes do Arquivo da Santa Casa da Misericórdia de Lisboa — Um notável selo de 1580 ... ..	15\$00	20\$00
Um Pintor Romântico Francês em Lisboa, em 1837 ... ..	esgotado	
A Propósito do 50.º Aniversário do Lançamento da Primeira Pedra do Edifício da Sociedade «A Voz do Operário»... ..	fora do mercado	

**F. A. GARCEZ TEIXEIRA**

* A Irmandade de S. Lucas ... ..	13\$50	15\$00
----------------------------------	--------	--------

**FRANCISCO LEITE DE FARIA**

Lisboa e S. Lourenço de Brindes ... ..	13\$50	15\$00
Alvorogo na Lisboa setecentista à volta do Barbadinho Frei André de Búrgio ... ..	13\$50	15\$00
A Morte de S. Lourenço de Brindes e as homenagens que Lisboa lhe prestou ... ..	13\$50	15\$00

**FRANCISCO DE OLIVEIRA MARTINS**

O Colégio de «Jesus» dos Meninos Órfãos da Mouraria ... ..	18\$00	20\$00
O Romance de Almeida Garrett nesta Lisboa ... ..	18\$00	20\$00

**DR. GILBERTO MONTEIRO**

Esboço histórico do Hospital de Belém ... ..	esgotado	
D. Gilberto ... ..	13\$50	15\$00

**GODOFREDO FERREIRA**

Um ricaço lisboeta do século XVII ... ..	esgotado	
--	----------	--

**GUSTAVO DE MATOS SEQUEIRA**

* Lisboa (Comédia) ... ..	18\$00	20\$00
---------------------------	--------	--------

**HENRIQUE LINHARES DE LIMA**

Vultos e sombras medievais ... ..	45\$00	50\$00
-----------------------------------	--------	--------

**HUGO RAPOSO**

Primeiro circuito da Lisboa Moderna em transporte colectivo ... ..	9\$00	10\$00
Norberto de Araújo e o Inventário de Lisboa... ..	esgotado	

\* Edição do Grupo.

	PREÇOS	
	Sócios	Público
<b>J. S. VIEIRA</b>		
O Convento dos Marianos ... ..	esgotado	
<b>JOÃO MONTEIRO</b>		
* Estrada de Sacavém ... ..	27\$00	30\$00
<b>JOAQUIM ROQUE DA FONSECA</b>		
A Urbanização de Lisboa ... ..	13\$50	15\$00
<b>JULIETA FERRÃO</b>		
Lisboa 1870 ... ..	esgotado	
<b>ENG. JÚLIO EDUARDO DOS SANTOS</b>		
Exposição Bibliográfica Antoniana — Estoril, 1960 ... ..	9\$00	10\$00
Exposição Bibliográfica de Afonso Lopes Vieira — Primavera de 1962 ... ..	18\$00	20\$00
Catálogo [ilustrado] da Exposição Iconográfica e Bibliográfica de Santo António — Estoril, 1963... ..	18\$00	20\$00
<b>DR. LEOPOLDO DE FIGUEIREDO</b>		
* O Convento de N. S. dos Remédios — Convento dos Marianos, sua história e seus mausoléus... ..	esgotado	
<b>LUIS MOITA</b>		
* A Ermida de Santo Amaro ... ..	esgotado	
O Metropolitano e as «Sete Colinas» Olisiponenses ... ..	7\$00	7\$50
Santiago Rosiñol e a «Alegria que Passa» ... ..	12\$50	12\$50
<b>LUIZ PASTOR DE MACEDO</b>		
* Ascendentes de Camilo ... ..	13\$50	15\$00
<b>LUIS TEIXEIRA</b>		
O «Diário de Notícias» e o Século XIX ... ..	4\$00	5\$00
<b>DR. MANUEL VICENTE MOREIRA</b>		
Jardins de Lisboa e Porto ... ..	9\$00	10\$00
Lisboa Oriental ... ..	4\$00	5\$00
O Problema da Habitação ... ..	27\$00	30\$00
<b>MARIO COSTA</b>		
Da Rua Nova à Rua dos Capelistas ... ..	18\$00	20\$00
Duas Curiosidades Lisboetas — O Balão do Arsenal e o Tiro da Escola Politécnica ... ..	13\$50	15\$00
A Patriarcal Queimada ... ..	18\$00	20\$00
O Palácio do Manteigueiro ... ..	18\$00	20\$00
O Palácio Barcelinhos e o seu antecessor o Convento do Espírito Santo da Pedreira ... ..	18\$00	20\$00
Uma quermesse de caridade na Real Tapada da Ajuda ... ..	36\$00	40\$00
O Sítio de Santo Amaro ... ..	esgotado	
Duas facas de mato notáveis ... ..	»	

\* Edição do Grupo.

	PREÇOS	
	Sócios	Público
Festas do Casamento da Infanta D. Catarina de Bragança com Carlos II de Inglaterra ... ..		esgotado
A Igreja de S. Julião e o seu Patrono — Uma freguesia que Lisboa perdeu... ..		»
No Centenário da Morte de El-Rei D. Pedro V ... ..	18\$00	20\$00
O Simbolismo do Ramo de Louro ... ..	18\$00	20\$00
<b>MÁRIO DE SAMPAYO RIBEIRO</b>		
* A Igreja da Conceição Velha ... ..		esgotado
* A Igreja e o Convento da Graça ... ..	13\$50	15\$00
Do Sítio do Restelo e das suas Igrejas de St.* Maria de Belém	45\$00	50\$00
A propósito da inscrição sepulcral do fundador da Ermida de N. S. da Oliveira, de Lisboa ... ..	18\$00	20\$00
A Calçada da Ajuda ... ..		esgotado
<b>NORBERTO DE ARAÚJO</b>		
* Pequena Monografia a S. Vicente... ..	9\$00	10\$00
<b>NUNO CATHARINO CARDOSO</b>		
Infante D. Henrique — Nótulas históricas ... ..	9\$00	10\$00
<b>PROF. PEDRO JORGE PINTO</b>		
A Acrópole de Lisboa (litografia de arte)... ..	135\$00	150\$00
<b>RUY DE ANDRADE</b>		
* Como o artista Alfredo de Andrade encarava alguns problemas da edilícia citadina ... ..	9\$00	10\$00
<b>DR. RUY DIQUE TRAVASSOS VALDEZ</b>		
Subsídios para Heráldica Tumular Moderna Olisiponense... ..	45\$00	50\$00
A Quinta da Torrinhã ao Vale do Pereiro ... ..	18\$00	20\$00
<b>ROBERTO DIAS COSTA</b>		
A Paróquia de S. Jorge de Arroios ... ..		esgotado
<b>TINOP</b>		
* Lisboa de Outrora, 2.º e 3.º vols. ... .. cada	13\$50	15\$00
* Edição do Grupo.		

**COMPRAMOS**  
**LIVROS DE BONS AUTORES**  
—  
Grandes e pequenas quantidades  
—  
**LIVRARIA «ECLÉTICA»**  
Calçada do Combro, 58 • Telef. 32 86 63 • LISBOA

A  
**LEGAL & GENERAL**

*agradece aos*  
**«AMIGOS DE LISBOA»**  
*a preferência que lhe têm*  
*dado, para os seus*  
*contratos de seguros*

—  
Capital e Reservas:

**550 MILHÕES DE LIBRAS**

—  
CORRESPONDENTE:

Rua da Madalena, 80, 1.º — LISBOA

**E. Pinto Basto & C.<sup>a</sup>, Lda.**

LISBOA

•  
TRANSPORTES  
MARÍTIMOS  
E AÉREOS

AGÊNCIA DE TURISMO

CARVÃO, SEGUROS  
REPRESENTAÇÕES  
(Industriais, etc.)  
FOLHA DE FLANDRES  
E AÇÓES  
EXPORTAÇÕES  
IMPORTAÇÕES

•  
No Porto:

**Kendall, Pinto Basto & C.<sup>a</sup>, Lda.**

**BERTRAND (IRMÃOS), LDA.**

Artes Gráficas

FOTOGRAVURA  
TIPOGRAFIA  
LITOGRAFIA  
ROTOGRAVURA  
"OFFSET" - DESENHO

•  
Travessa da Condessa do Rio, 7  
Telef. 321368 - 321227 - 30054 — LISBOA



**ZENITH** - o melhor dos bons relógios

Na

## LIVRARIA PORTUGAL

... encontra V. Ex.<sup>a</sup> livros sobre todos os assuntos escritos nas principais línguas europeias

Damos informações bibliográficas e aceitamos encomendas para todos os países

### LIVRARIA PORTUGAL

Rua do Carmo 70 • Telefones: 3 05 82 - 3 05 83 - 32 82 20

Secção de revenda e armazéns: Rua da Oliveira ao Carmo, 21-23

LISBOA - 2

# LISBOA

é linda

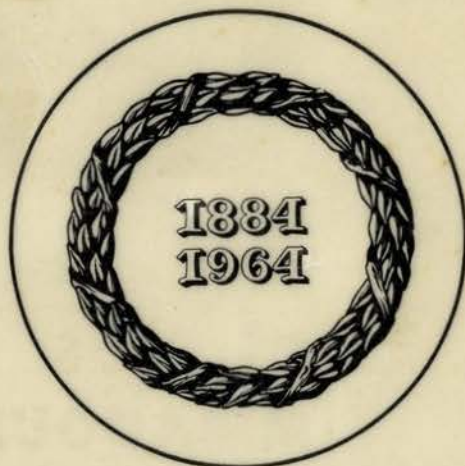


**OS SEUS  
MIRADOUROS  
TOCAM O CÉU**





TRADIÇÃO E  
PROGRESSO



BANCO BORGES & IRMÃO

